

DUZENTOS ANOS DO NASCIMENTO DE ENGELS (1820-1895)

Nos 200 anos de nascimento de Engels, a Seção Clássicos/Documentos da Revista *Novos Rumos* presta sua homenagem, publicando o texto “Pó e Reno”, inédito em língua portuguesa, escrito pelo autor entre final de fevereiro e início de março de 1859 e publicado pela primeira vez como panfleto em Berlim, abril de 1859.

Segue abaixo a Introdução, localizando o contexto da obra, feita pelos organizadores dos originais extraídos de Karl Marx/Friedrich Engels Collected Work. E, em seguida, as partes I e II do texto de Engels. As partes finais (III e IV) serão publicadas na próxima edição da Revista.

Introdução

Engels foi instado a escrever seu *Pó e Reno* pelo iminente conflito militar na Itália e pela necessidade de determinar a posição dos revolucionários proletários e dos democratas europeus em oposição à da burguesia, sobretudo alemã, sobre os modos de unificar Alemanha e Itália. Ele também planejou expor as várias teorias chauvinistas pelas quais os círculos dirigentes europeus tentavam justificar a política de agressão e conquista e mostrar que eram insustentáveis do ponto de vista da estratégia militar.

Concebido em fevereiro de 1859, este trabalho havia sido escrito por Engels em 9 de março e enviado para ser lido por Marx, que o apreciou muito. “Extremamente inteligente”, escreveu ele a Engels em 10 de março de 1859, “o aspecto político também está muito bem feito e isso era extremamente difícil”. Seguindo o conselho de Marx, *Pó e Reno* foi publicado na Alemanha anonimamente para evitar uma conspiração do silêncio. Foi impresso em abril de 1859 em Berlim pelo editor Franz Duncker (em 1.000 cópias).

O raciocínio de publicar anonimamente o panfleto pode ser observado nas cartas de Marx a Lassalle, de 25 de fevereiro, e a Engels, em 25 de fevereiro.

O trabalho exerceu uma grande influência na opinião pública na Alemanha e também foi um sucesso entre os militares. Nada menos que dez resenhas apareceram na imprensa alemã. Todos os revisores aprovaram o conteúdo militar do panfleto e muitos deles acharam que foi escrito por um grande especialista militar. Porém, opiniões conflitantes foram expressas nas conclusões políticas do autor, particularmente aquela de que uma Alemanha unida não precisaria manter-se em território italiano para sua

defesa. Enquanto jornais liberais como o *Grenzboten* (Leipzig), o *Preussische Jahrbücher* (Berlim) e o *Die Reform* (Hamburgo) concordavam – embora não de maneira muito consistente – com os argumentos políticos do autor, a imprensa conservadora – o *Augsburg Allgemeine Zeitung*, o *Aachener Zeitung* e o *Berliner Revue* – adotavam um ponto de vista chauvinista e declaravam que não concordariam em desistir do território italiano.

Em maio de 1859, Marx e Engels decidiram que havia chegado o momento de informar o público em geral sobre a origem da obra e escreveram no *Das Volk*, nº 2, que o autor de *Pó e Rone* “era um líder bem conhecido do partido proletário”. (O nome de Engels só apareceria na edição nº 5, de 4 de junho).

Em sua carta a Lassalle, de 19 de abril de 1859, Marx alertou para uma lista de erros contidos na edição inicial do panfleto *Pó e Reno*. Nesta edição [abaixo apresentada], eles estão corrigidos de acordo com as instruções de Marx.

Pó e Reno¹

por Frederick Engels 1859

PARTE I

Desde o início deste ano, tornou-se o slogan de grande parte da imprensa alemã que *o Reno deve ser defendido no Pó*.

Esse slogan foi totalmente justificado diante dos preparativos e ameaças de guerra de Bonaparte. Sentia-se na Alemanha, de forma instintivamente correta, que, embora o Pó fosse o pretexto de Luís Napoleão, em qualquer circunstância o Reno não deixaria de ser seu objetivo final. Nada, exceto uma guerra pela fronteira com o Reno, poderia fornecer um para-raios contra os dois fatores dentro da França que ameaçavam o bonapartismo: o "patriotismo superabundante" das massas revolucionárias e o descontentamento fervoroso da "burguesia". Envolveria o primeiro numa empresa nacional e daria ao segundo a perspectiva de um novo mercado. É por isso que a conversa sobre a libertação da Itália não pode ser mal interpretada na Alemanha. Foi o caso do velho provérbio: ele bate no saco e se refere ao burro. Se a Itália deveria fazer o papel do saco.

No caso em apreço, a manutenção do Pó significava apenas que a Alemanha, ameaçada por um ataque que envolvia, em última instância, a posse de algumas de suas melhores províncias, não poderia, de maneira alguma, sonhar em desistir de uma das suas mais fortes, de fato, sua posição militar mais forte sem dar um golpe. Nesse sentido, toda a Alemanha estava realmente interessada na defesa do Pó. Na véspera de uma guerra, como na própria guerra, a pessoa ocupa todas as posições que podem ser usadas para ameaçar o inimigo e causar-lhe dano, sem se envolver em nenhuma especulação moral sobre se é consoante com a justiça eterna e o princípio da nacionalidade. Simplesmente lutamos pela vida.

No entanto, essa maneira de defender o Reno no Pó deve ser claramente diferenciada da tendência de muitos militares e políticos alemães de considerar o Pó, isto

¹ Fonte: *Karl Marx/Friedrich Engels Collected Works*, Volume 16, p. 215. Organização desta seção Clássicos/Documentos feita por Angélica Lovatto e Paulo Douglas Barsotti. Seleção dos textos por Paulo Douglas Barsotti.

é, Lombardia e Veneza, como um complemento estratégico indispensável e, portanto, fala, parte integrante da Alemanha. Essa visão foi apresentada e defendida teoricamente particularmente desde as campanhas na Itália em 1848 e 1849, por exemplo, pelo general *von Radowitz* na igreja de São Paulo e pelo general *von Willisen* em seu *Italienischer Feldzug des Jahres 1848*. No sul não austríaco Alemanha, o tema foi tratado particularmente pelo general da Baviera *von Hailbronner*, com uma predileção próxima ao entusiasmo. O argumento principal é sempre político: a Itália é totalmente incapaz de permanecer independente; a Alemanha ou a França devem governar na Itália; se os austríacos saíssem da Itália hoje, os franceses estariam no vale do Adige e amanhã às portas de Trieste e toda a fronteira sul da Alemanha seria exposta ao "inimigo hereditário". Portanto, a Áustria detém a Lombardia em nome e nos interesses da Alemanha.

Como vemos, as autoridades militares para essa opinião estão entre as principais na Alemanha. No entanto, devemos decididamente opor-nos a isso.

No entanto, essa opinião se tornou um artigo de fé defendido com verdadeiro fanatismo no Augsburg *Allgemeine Zeitung*, que se estabeleceu como monitor dos interesses alemães na Itália. Este artigo cristão-teutônico, apesar de todo o seu ódio por judeus e turcos, preferia ver-se circuncidado do que a região "alemã" da Itália. Afinal, o que apenas defende os generais políticos como uma posição militar esplêndida nas mãos da Alemanha é o Augsburg *Allgemeine Zeitung* um componente essencial de uma teoria política. Entendemos a "teoria da grande potência da Europa Central", que transformaria a Áustria, a Prússia e o restante da Alemanha em um estado federal sob a influência predominante da Áustria, da Alemanha, da Hungria e dos países eslavos-romenos da Danúbia por meio de colonização, escolas e escolas gentis. a violência muda assim o centro de gravidade desse complexo de países cada vez mais para o sudeste, em direção a Viena, e aliás reconquista a Alsácia e a Lorena. A "grande potência da Europa Central" pretende ser uma espécie de renascimento do Sacro Império Romano da nação alemã e parece, entre outras coisas, visar a incorporação da outrora Holanda austríaca² e também

² Sob o Tratado de Paz da Vestfália de 1648, que encerrou a Guerra dos Trinta Anos, a Alsácia e parte de Lorena, que até então pertenciam aos Habsburgos, foram transferidas para a França; Lorena como um todo foi anexada à França em 1766. O *Sacro Império Romano da Nação Alemã* (982-1806) incluiu, em diferentes épocas, terras alemã, italiana, austríaca, húngara e boêmia, Suíça e Holanda, formando um conglomerado heterogêneo de reinos feudais e cidades livres com diferentes estruturas políticas, normas e costumes legais. Os *Países Baixos austríacos* - o território da atual Bélgica e Luxemburgo, que pertencia aos Habsburgo austríacos de 1714 a 1797.

a Holanda como estados vassallos. A pátria do alemão se estenderia cerca do dobro do que a língua alemã agora é ouvida; e quando tudo isso acontecesse, a Alemanha seria o árbitro e o mestre da Europa. Além disso, as condições para tudo isso acontecer já foram garantidas. Os povos românicos estão em um estado agudo de decadência: os espanhóis e italianos já estão totalmente arruinados e os franceses agora também estão experimentando sua desintegração. Por outro lado, os eslavos são incapazes de formar um estado moderno genuíno e têm a vocação histórica mundial de serem germanizados, caso em que uma Áustria rejuvenescida é mais uma vez o principal instrumento da Providência. Os Teutões são, portanto, a única raça que ainda tem força moral e capacidade histórica, e, entre eles, os ingleses estão tão mergulhados no egoísmo e no materialismo insular que sua influência, comércio e indústria precisam ser mantidos afastados do continente europeu por poderosas tarifas protetoras, por uma espécie de sistema continental racional. Desse modo, a seriedade moral alemã e a grande potência juvenil da Europa Central dificilmente cairão para alcançar a supremacia mundial em terra e mar em pouco tempo e inaugurar uma nova era na história, na qual a Alemanha finalmente tocaria violentamente novamente e a outras nações dançariam ao som da música.

A terra pertence aos russos e franceses, os ingleses são donos do mar.
Mas nós, no reino aéreo dos sonhos, temos domínio soberano. [Heine]

Não sonharíamos em entrar no aspecto político dessas fantasias patrióticas aqui. Nós apenas os esboçamos no contexto para que todas essas coisas maravilhosas não possam, mais tarde, ser trazidas contra nós como novas provas da necessidade do domínio "alemão" na Itália. A única coisa que nos preocupa aqui é a questão militar: a Alemanha exige para sua defesa o domínio permanente sobre a Itália e, em particular, a posse militar total da Lombardia e Veneza?

Reduzida à sua expressão militar mais essencial, a pergunta é: para defender sua fronteira sul, a Alemanha exige a posse do Adige, Mincio e Lower Po, com as cabeças de ponte de Peschiera e Mântua?

Antes de nos comprometermos a responder a essa pergunta, afirmamos expressamente que, quando falamos da Alemanha, queremos dizer com isso uma única potência cujas forças e ações militares são dirigidas a partir de um único centro - a Alemanha como um corpo político real, não ideal. Em quaisquer outros pressupostos, não se pode questionar os requisitos políticos e militares da Alemanha.

PARTE II

Por centenas de anos, a Alta Itália tem sido, ainda mais que a Bélgica, o campo de batalha em que alemães e franceses travaram suas guerras. Para o agressor, a posse da Bélgica e do vale do Pó é uma condição necessária para uma invasão alemã da França ou uma invasão francesa da Alemanha; é somente em virtude de tal posse que os flancos e a retaguarda da invasão estão totalmente seguros. A única exceção poderia ser uma neutralidade completamente confiável dessas duas regiões, e esse caso ainda não ocorreu.

Se o destino da França e da Alemanha foi decidido indiretamente nos campos de batalha do vale do Pó desde o dia de Pavia, o destino da Itália foi simultaneamente decidido lá diretamente. Com os enormes exércitos permanentes dos tempos modernos, com o crescente poder da França e da Alemanha e com a desintegração política da Itália, a própria Itália propriamente dita, a região ao sul do Rubicão, perdeu toda a importância militar e a posse da antiga Gália Cisalpina inevitavelmente trouxe consigo o domínio da península longa e estreita. Nas bacias do Pó e do Ádige, nas costas genovesa, romana e veneziana, havia a população mais densa e havia a agricultura mais florescente da Itália, a indústria mais ativa e o comércio mais ativo da Itália. A península, Nápoles e os Estados papais, permaneceu relativamente estacionária em seu desenvolvimento social; seu poder militar não contava há séculos. Quem quer que tenha mantido o vale do Pó cortou as comunicações terrestres da península com o resto do continente e poderia subjugar-lo facilmente se a ocasião surgisse, como fizeram os franceses duas vezes durante a guerra revolucionária e os austríacos duas vezes neste século. Por conseguinte, apenas as bacias do Pó e do Adige são de importância militar.

Enclausurada em três lados pela cadeia ininterrupta dos Alpes e Apeninos e na quarta, de Aquileia a Rimini, pelo Mar Adriático, essa bacia forma uma região claramente demarcada pela natureza, com o Pó fluindo de oeste para leste. A fronteira sul, ou Apenina, não nos interessa aqui; O norte, ou alpino, a fronteira nos interessa ainda mais. Sua cordilheira coberta de neve tem apenas algumas passagens por estradas pavimentadas; até o número de trilhas de carroças, caminhos de freios e trilhas é limitado; desfiladeiros longos e estreitos levam às passagens sobre os altos picos.

A fronteira alemã limita o norte da Itália desde a foz do Isonzo até a passagem de Stelvio; de lá para Genebra a fronteira é com a Suíça; de Genebra à foz do Var é com a França. Indo para o oeste do Adriático até o Passo Stelvio, cada passe leva mais fundo ao coração da bacia do Pó do que o anterior e, portanto, flanqueia qualquer posição de um exército italiano ou francês mais ao leste. A linha de fronteira do Isonzo é imediatamente flanqueada pela primeira passagem de Caporetto para Cividale; o Pontebba Pass contorna a posição no Tagliamento, que também é flanqueado por dois passes não pavimentados de Carinthia e Cadore. O Brenner Pass flanqueia a linha do Piave pelo Peutelstein Pass de Bruneck a Cortina d'Ampezzo e Belluno, a linha do Brenta pelo Val Sugana a Bassano,

Pode-se dizer que, com uma posição estratégica tão favorável, a posse real das planícies até o Pó não importaria muito para nós, alemães. Dadas forças de igual força, onde o exército inimigo poderia se posicionar a leste de Adda ou ao norte do Pó? Todas as suas posições seriam flanqueadas; mesmo que cruzasse o Pó ou o Adda, seu flanco seria ameaçado; se se mudasse para o sul do Pó, suas comunicações com Milão e Piemonte seriam ameaçadas; se fosse além do Ticino, colocaria em risco suas conexões com toda a península. Se fosse imprudente o suficiente para avançar em uma ofensiva na direção de Viena, poderia ser cortado a qualquer dia e forçado a batalhar com a retaguarda em direção ao país inimigo e a frente voltada para a Itália. Se fosse derrotado, seria um segundo Marengo com os papéis invertidos; se vencer os alemães,

A construção da estrada sobre o Passo Stelvio é prova de que os austríacos aprenderam sua lição com a derrota em Marengo.

Napoleão construiu a estrada Simplon para ter uma rota protegida no coração da Itália; os austríacos complementaram seu sistema de defesa ofensiva na Lombardia pela estrada de Stelvio a Bormio. Pode-se dizer que esse passe é alto demais para ser praticável no inverno; que toda a rota é muito difícil, uma vez que passa sem alívio por um país inóspito de alta montanha por uma distância de pelo menos cinquenta milhas alemãs (de Füssen na Baviera a Lecco no lago Como), incluindo três passagens nas montanhas; finalmente, que pode ser facilmente bloqueado no longo desfiladeiro ao longo do lago Como e nas próprias montanhas. Vamos analisar isso.

Para ter certeza, o passe é o mais alto praticável em toda a cadeia dos Alpes, com 1.600 pés, e pode ser bastante nevado no inverno. Mas se recordarmos a campanha de inverno de 1800-01 de Macdonald no Splilgen e Tonale, não daremos muito peso a esses obstáculos. Todos os passes alpinos são nevados no inverno e, no entanto, são

aceitáveis. A produção de Armstrong de canhões rifles eficientes para carregamento de culatra tornou a reorganização de toda artilharia algo que dificilmente pode ser adiado; também introduzirá armas mais leves na artilharia de campanha, aumentando sua mobilidade. Um obstáculo mais sério é a longa marcha nas altas montanhas e a superação de um intervalo após o outro. O passo Stelvio não atravessa a divisão entre os rios alpinos do norte e do sul, mas entre o Adige e o Adda, dois rios que desembocam no Adriático, e, portanto, pressupõe que a principal faixa dos Alpes seja atravessada pelo Brenner ou pelo Finstermünz Pass, a fim de passar do vale do Inn para o do Adige. Como no Tirol, a estalagem flui praticamente de oeste para leste, entre duas cordilheiras, as tropas do Lago Constança e da Baviera também devem atravessar a parte norte dessas cordilheiras, para que haja um total de duas ou três passagens de montanha nessa rota. sozinho. Por mais trabalhoso que possa ser, não é um obstáculo decisivo para liderar um exército para a Itália por esse caminho. Em breve, essa dificuldade será reduzida ao mínimo por uma ferrovia no vale do Inn, que já está parcialmente concluída, e uma linha projetada no vale do Adige. A rota de Napoleão sobre o Passo de São Bernardo, de Lausanne a Ivrea, não envolvia mais de 48 quilômetros através de montanhas altas; mas a rota de Udine a Viena, ao longo da qual Napoleão avançou em 1797 e ao longo da qual Eugène e Macdonald se juntaram a ele em Viena em 1809, atravessa montanhas altas por mais de 100 quilômetros e da mesma forma três passagens alpinas. O caminho de Pont-de-Beauvoisin, passando pelo Little St. Bernard, até Ivrea, a rota que sai diretamente da França. mais longe na Itália, sem tocar na Suíça, e é, portanto, o melhor para flanquear, também leva mais de 64 quilômetros por montanhas altas, assim como a rota Simplon de Lausana a Sesto Calende.

Por fim, quanto ao bloqueio da estrada no próprio desfiladeiro ou no lago de Como, depois das campanhas dos franceses nos Alpes, não se inclina mais a depender da eficácia dos bloqueios de estradas. As alturas de comando e a possibilidade de flanquear as tornam bastante fúteis; os franceses invadiram muitos deles e nunca foram seriamente sustentados pelas fortificações nos passes. Quaisquer fortificações dos passes no lado italiano podem ser flanqueadas por Cevedale, Monte Corno e Gavia e Tonale e Aprica. Desde Valtellina, existem muitos caminhos para a região de Bergamo, e os obstáculos no longo desfiladeiro do lago Como podem ser contornados por esses caminhos ou de Dervio ou de Bellano até Val Sassina. Em guerras nas montanhas, é aconselhável avançar em várias colunas e, se uma delas passar, o objetivo geralmente é alcançado.

Quão praticável até os passes mais difíceis são praticamente em qualquer época do ano, desde que boas tropas e generais resolutos sejam empregados; como até mesmo passes auxiliares menores não negociáveis por veículos podem ser usados como boas linhas operacionais, especialmente para fins de flanqueamento; e quão poucos obstáculos podem ser feitos para impedir o avanço - tudo isso é melhor demonstrado pelas campanhas nos Alpes de 1796 a 1801. Naquela época, nem um único passe alpino havia sido pavimentado, e, no entanto, exércitos atravessavam as montanhas em todas as direções. Em 1799, no início de março, Loison, com uma brigada francesa, atravessou a divisão entre o Reuss e o Reno por trilhas, enquanto Lecourbe atravessou o Bernardino e o Viamala, depois cruzou os Passes Albula e Julier (7.100 pés de altura) e em 24 de março tomou o império Martinsbruck por um movimento de flanco, enviando Dessolle através do vale de Milnster sobre Pisoc e o Worms Pass (uma trilha de 7.850 pés de altura) para o vale do Alto Adige e daí para o Reschen-Scheideck. No início de maio, Lecourbe recuou novamente sobre o Albula.

A campanha de Suvorov ocorreu em setembro do mesmo ano; durante o mesmo, como o velho soldado expressou em sua vigorosa linguagem figurativa, a baioneta russa *abriu* caminho pelos Alpes (*Ruskij sztyk prognal crez Alpow*). Ele enviou a maior parte de sua artilharia sobre o Splilgen, fez uma coluna de flanco atravessar Val Blegno sobre o Lukmanier (trilha de 5.948 pés) e depois sobre o Sixmadun (cerca de 6.500 pés) para o vale do Alto Reuss, enquanto ele próprio

passou pelo St. Gotthard, que na época dificilmente era aceitável para veículos (6.594 pés). Ele tomou a barreira de Teufelsbrücke pela tempestade nos dias 24 e 26 de setembro; mas quando chegou a Altdorf, com o lago à sua frente e os franceses de todos os outros lados, não havia mais nada a fazer senão subir o vale Schächen sobre o Kinzig-Kulm e chegar ao vale do Muota. Chegando lá, depois de deixar toda a sua artilharia e bagagem no vale Reuss, encontrou os franceses em força superior diante de si novamente, enquanto Lecourbe estava atrás dele. Suvorov atravessou a passagem de Prigel até o vale do Klön para alcançar a planície do Reno por essa rota. Ele encontrou uma resistência insuperável no desfiladeiro de Näfels, e a única coisa que lhe restava era atravessar a trilha Panix Pass, com 8.000 pés de altura, para alcançar o vale superior do Reno e a ligação com o Splügen. A passagem começou em 6 de outubro e em 10 de outubro a sede foi em Ilanz. Esta passagem foi a mais impressionante de todas as travessias alpinas nos tempos modernos.

Não falaremos muito sobre a travessia de Napoleão do Grande São Bernardo. Não se trata de outras operações similares daquele período. A estação foi favorável e a única coisa digna de nota foi a maneira hábil em que o ponto forte de Fort Bard foi flanqueado.

Por outro lado, as operações de Macdonald no inverno de 1800-01 foram notáveis. Com a missão de levar 15.000 homens como ala esquerda do exército francês da Itália para flanquear a ala direita austríaca no Mincio e no Adige, ele atravessou o Splügen (6.510 pés) *nas profundezas do inverno com todos os tipos de armas*. Com a maior dificuldade, muitas vezes interrompida por avalanches e tempestades de neve, ele liderou seu exército na passagem entre 1 e 7 de dezembro e marchou ao longo do Adda, passando pelo Valtellina, até o Aprica. Nem os austríacos ficaram assustados com o inverno nas altas montanhas. Eles seguravam o Albula, o Julier e o Braulio (Worms Pass) e, por último, até fizeram um ataque surpresa no qual capturaram um destacamento de hussardos franceses desmontados. Depois que Macdonald superou o Aprica Pass do vale Adda para o vale do Oglio, ele escalou o Alta Pass muito alto por trilhas e, em 22 de dezembro, atacou os austríacos, que haviam obstruído o desfiladeiro no bloco com gelo. Jogado de volta naquele dia, bem como no segundo ataque (31 de dezembro - assim ele permaneceu nas montanhas altas por nove dias!), desceu o Val Camonica ao lago d'Iseo, enviou sua cavalaria e artilharia através da planície e com a infantaria subiu as três cordilheiras que levavam a Val Trompia, Val Sabbia e Giudicaria, onde ficava Storo tão cedo? em 6 de janeiro. Enquanto isso, Baraguay d'Hilliers havia atravessado a ReschenScheideck (Passagem Finstermiinz), do vale da estalagem até o vale do Alto Adige. - Se tais manobras eram possíveis há sessenta anos, o que não podemos fazer hoje, quando temos excelentes estradas pavimentadas na maioria das passagens! Hilliers tinha atravessado o Reschen Scheideck (Finstermiinz Pass) do vale da estalagem para o vale do Alto Adige. - Se tais manobras eram possíveis há sessenta anos, o que não podemos fazer hoje, quando temos excelentes estradas pavimentadas na maioria das passagens! Hilliers tinha atravessado o Reschen Scheideck (Finstermiinz Pass) do vale da estalagem para o vale do Alto Adige. - Se tais manobras eram possíveis há sessenta anos, o que não podemos fazer hoje, quando temos excelentes estradas pavimentadas na maioria das passagens!

Mesmo a partir desses esboços, podemos ver que os únicos obstáculos que tinham algum tipo de capacidade de resistir eram os que não eram flanqueados, seja por falta de habilidade ou falta de tempo. Por exemplo, o Tonale era insustentável quando Baraguay

d'Hilliers apareceu no vale do Alto Adige. As outras campanhas mostram que foram capturadas por uma operação de flanqueamento ou, freqüentemente, por tempestades. Luziensteig foi invadida duas ou três vezes, e também Malborghetto no Passo de Pontebba em 1797 e 1809. Os pontos fortes do Tirol não pararam Joubert em 1797 ou Ney em 1805. Sabe-se, como Napoleão afirmou, que o flanqueamento pode ser realizado em caminhos que uma cabra pode negociar. E desde que as pessoas travaram uma guerra nessa base, todo e qualquer ponto forte pode ser contornado.

Consequentemente, não podemos ver como, dada a igualdade de forças, um exército hostil pode defender a Lombardia a leste de Adda em campo aberto contra um exército alemão avançando sobre os Alpes. Sua única chance seria assumir uma posição entre as fortificações existentes ou recém-erguidas e manobrar entre elas. Esta possibilidade será examinada mais tarde.

Que passes estão agora abertos à França para penetrar na Itália? Enquanto a Alemanha circunda metade da fronteira norte da Itália, a fronteira francesa segue quase uma linha reta de norte a sul, não envolve nada e flanqueia nada. Só depois de tomar Savoy e uma parte da costa genovesa é possível preparar movimentos de flanco através do Little St. Bernard e de algumas passagens nos Alpes Marítimos, e mesmo assim o efeito se estenderá apenas ao Sesia e ao Bormida e não alcançar a Lombardia e os ducados, sem falar na península. Apenas um pouso em Gênova, que teria dificuldades para um grande exército, poderia provocar um flanco de todo o Piemonte; um pouso mais a leste, por exemplo, em La Spezia, não podia mais ser baseado no Piemonte e na França, mas apenas na península,

Até agora, assumimos que a Suíça seria neutra. No caso de entrar na guerra, a França teria mais um passe disponível, o Simplon (o Grande São Bernardo, que leva a Aosta como o Pequeno São Bernardo, não traria novas vantagens além da linha mais curta) . O Simplon leva ao Ticino e, portanto, cobre o Piemonte para os franceses. Do mesmo modo, os alemães obteriam o relativamente pequeno, Splilgen, que encontra a estrada Stelvio, no lago Como, e o Bernardino, cujo efeito se estende até o Ticino. O St. Gotthard poderia servir a ambos os lados, dependendo das circunstâncias, mas os tumultos lhes dariam muitas novas oportunidades para operações de flanco. Assim, vemos que o efeito de uma manobra de flanco francês sobre os Alpes, por um lado, e de uma manobra de flanco alemão, por outro lado, estende-se até a atual fronteira entre Lombardia e Piemonte, o Ticino. Mas se os alemães estão no Ticino, mesmo que estejam

apenas em Placência e Cremona, eles impedem os franceses da rota terrestre para a península italiana. Em outras palavras, se a França domina o Piemonte, a Alemanha domina todo o resto da Itália.

Além disso, os alemães têm uma vantagem tática. Ao longo de toda a fronteira alemã, a bacia hidrográfica está do lado alemão em todas as passagens importantes, com exceção do Stelvio. O bacano no passo de Pontebba ergue-se na Caríntia e o boite no passo de Peutelstein no Tirol. No Tirol, essa vantagem é decisiva. O vale do Alto Brenta (Val Sugana), o vale do Alto Chiese (Giudicaria) e mais da metade do curso do Adige pertencem ao Tirol. Embora, em qualquer caso particular, não se possa saber, sem um estudo minucioso da localidade, se a posse da bacia hidrográfica nas passagens nas montanhas oferece uma vantagem tática real, isso é certo, de modo geral, que a parte que ocupa a cordilheira e parte da encosta em direção ao inimigo terá mais chances de flanquear o outro lado e dominar o inimigo de cima. Além disso, esse partido estará em posição de negociar os trechos mais difíceis dos passes auxiliares para todas as armas, mesmo antes do início da guerra; isso pode ser de importância decisiva para as comunicações no Tirol. Se essa projeção de nosso território no lado inimigo tem a extensão que a zona da Confederação Alemã tem no Tirol do Sul; se, como aqui, os dois passes principais, o Brenner e o Finstermünz, estão longe da fronteira inimiga; se, além disso, passes auxiliares decisivos, como os da Giudicaria e do Val Sugana, estão inteiramente dentro do território alemão, as condições táticas para uma invasão da Alta Itália são facilitadas tão enormemente que, em caso de guerra, eles só precisam ser criteriosamente empregado para garantir a vitória. esse partido estará em posição de negociar os trechos mais difíceis dos passes auxiliares para todas as armas, mesmo antes do início da guerra; isso pode ser de importância decisiva para as comunicações no Tirol. Se essa projeção de nosso território no lado inimigo tem a extensão que a zona da Confederação Alemã tem no Tirol do Sul; se, como aqui, os dois passes principais, o Brenner e o Finstermünz, estão longe da fronteira inimiga; se, além disso, passes auxiliares decisivos, como os da Giudicaria e do Val Sugana, estão inteiramente dentro do território alemão, as condições táticas para uma invasão da Alta Itália são facilitadas tão enormemente que, em caso de guerra, eles só precisam ser criteriosamente empregado para garantir a vitória. esse partido estará em posição de negociar os trechos mais difíceis dos passes auxiliares para todas as armas, mesmo antes do início da guerra; isso pode ser de importância decisiva para as comunicações no Tirol. Se essa projeção de nosso

território no lado inimigo tem a extensão que a zona da Confederação Alemã tem no Tirol do Sul; se, como aqui, os dois passes principais, o Brenner e o Finstermünz, estão longe da fronteira inimiga; se, além disso, passes auxiliares decisivos, como os da Giudicaria e do Val Sugana, estão inteiramente dentro do território alemão, as condições táticas para uma invasão da Alta Itália são facilitadas tão enormemente que, em caso de guerra, eles só precisam ser criteriosamente empregado para garantir a vitória. isso pode ser de importância decisiva para as comunicações no Tirol. Se essa projeção de nosso território no lado inimigo tem a extensão que a zona da Confederação Alemã tem no Tirol do Sul; se, como aqui, os dois passes principais, o Brenner e o Finstermünz, estão longe da fronteira inimiga; se, além disso, passes auxiliares decisivos, como os da Giudicaria e do Val Sugana, estão inteiramente dentro do território alemão, as condições táticas para uma invasão da Alta Itália são facilitadas tão enormemente que, em caso de guerra, eles só precisam ser criteriosamente empregado para garantir a vitória. isso pode ser de importância decisiva para as comunicações no Tirol. Se essa projeção de nosso território no lado inimigo tem a extensão que a zona da Confederação Alemã tem no Tirol do Sul; se, como aqui, os dois passes principais, o Brenner e o Finstermünz, estão longe da fronteira inimiga; se, além disso, passes auxiliares decisivos, como os da Giudicaria e do Val Sugana, estão inteiramente dentro do território alemão, as condições táticas para uma invasão da Alta Itália são facilitadas tão enormemente que, em caso de guerra, eles só precisam ser criteriosamente empregado para garantir a vitória. estão muito distantes da fronteira inimiga; se, além disso, passes auxiliares decisivos, como os da Giudicaria e do Val Sugana, estão inteiramente dentro do território alemão, as condições táticas para uma invasão da Alta Itália são facilitadas tão enormemente que, em caso de guerra, eles só precisam ser criteriosamente empregado para garantir a vitória. estão muito distantes da fronteira inimiga; se, além disso, passes auxiliares decisivos, como os da Giudicaria e do Val Sugana, estão inteiramente dentro do território alemão, as condições táticas para uma invasão da Alta Itália são facilitadas tão enormemente que, em caso de guerra, eles só precisam ser criteriosamente empregado para garantir a vitória.

Enquanto a Suíça permanecer neutra, o Tirol é a rota mais direta para um exército alemão que opera contra a Itália; se a Suíça não é mais neutra, o Tirol e os Grisões (os vales Inn e Rhine) são os mais diretos. Foi nessa linha que os Hohenstaufens se moveram contra a Itália; não há outro caminho pelo qual uma Alemanha agindo militarmente como um único Estado possa operar decisivamente com golpes rápidos na Itália. Para esta linha,

no entanto, não a Áustria Central, mas a Alta Suábia e a Baviera, do Lago Constança a Salzburgo, é a base operacional. Isso foi verdade durante a Idade Média. Somente quando a Áustria se consolidou no Médio Danúbio, quando Viena se tornou o ponto central da monarquia, quando o Império Alemão se desfez e apenas as guerras austríacas, e não as alemãs, foram travadas na Itália, a velha, curta, linha reta de Innsbruck a Verona e de Lindau a Milão abandonada; só então foi substituída pela longa e tortuosa linha de Viena, passando por Klagenfurt e Treviso, até Vicenza, uma linha na qual um exército alemão anteriormente teria contado apenas na extrema emergência de um recuo ameaçado, mas nunca para uma ofensiva.

Enquanto o Império Alemão existisse como uma potência militar real e, portanto, baseasse seus ataques contra a Itália na Alta Suábia e na Baviera, ele poderia se esforçar para conquistar a Alta Itália por motivos políticos, nunca puramente militares. Nas longas lutas pela Itália, a Lombardia foi em vários momentos alemã, espanhola ou austríaca; mas não se deve esquecer que a Lombardia era separada de Veneza e Veneza era independente. E, embora a Lombardia tenha mantido Mântua, ela não incluía a linha Mincio e a região entre Mincio e Isonzo, sem a posse da qual, como sabemos, a Alemanha não pode dormir em paz. A Alemanha (através do intermediário da Áustria) só possuía a linha Mincio desde 1814. E embora a Alemanha, como órgão político, não tenha desempenhado o papel mais brilhante dos séculos XVII e XVIII,

De qualquer forma, o arredondamento estratégico dos Estados e sua provisão de fronteiras defensáveis estão mais à frente desde a Revolução Francesa e Napoleão, que criaram exércitos com maior mobilidade e atravessaram a Europa com esses exércitos em todas as direções. Enquanto durante a Guerra dos Sete Anos "" o campo de operações de um exército estava confinado a uma única província, e as manobras duravam meses em torno de fortalezas, posições ou bases operacionais individuais, em qualquer guerra hoje em dia a configuração do terreno de todo está envolvida, e a importância anteriormente atribuída a posições táticas individuais agora é dada apenas a grandes grupos de fortalezas, longas linhas fluviais ou altas cadeias montanhosas proeminentes. Neste contexto, linhas como Mincio e Adige são certamente muito mais importantes do que no passado.

Vamos, portanto, examinar essas linhas.

Todos os rios lançados do Simplon que fluem dos Alpes para o Pó na planície do alto italiano ou diretamente para o Adriático fazem um arco côncavo com o Pó ou por si

mesmos ao pórtico. Eles são, portanto, mais favoráveis  defesa por um exército a leste deles do que por um a oeste. Se olharmos para o Ticino, o Adda, o Oglio, o Chiese, o Mincio, o Adige, o Brenta, o Piave ou o Tagliamento, cada um desses rios, sozinho ou com a porção adjacente do P, forma um arco cujo centro  a leste. Isso permite que um exército na margem esquerda (leste) assuma uma posição central a partir da qual pode alcançar qualquer ponto seriamente ameaçado no rio em um tempo relativamente curto; ele segura a "linha interna" de Jomini 'e marcha sobre o raio ou a corda, enquanto o inimigo precisa manobrar na periferia, que  mais longa. Se o exército na margem direita está na defensiva, por outro lado, essa situação  desfavorável para ele; o inimigo  apoiado em seus ataques simulados pelo terreno, e as distâncias mais curtas dos vários pontos da periferia que o favorecem na defesa acrescentam um peso decisivo ao seu ataque. Consequentemente, as linhas dos rios Lombard e Venetian são favoráveis em todos os aspectos a um exército alemão, seja por defesa ou ofensa, e desfavoráveis a um exército italiano ou italo-francês; e se adicionarmos a circunstância discutida acima, de que o tirolês ultrapassa todas essas linhas, não há realmente motivo para se preocupar com a segurança da Alemanha, mesmo que não houvesse um único soldado austríaco em solo italiano; pois o solo da Lombardia  nosso sempre que queremos. esta situação  desfavorável para ela; o inimigo  apoiado em seus ataques simulados pelo terreno, e as distâncias mais curtas dos vários pontos da periferia que o favorecem na defesa acrescentam um peso decisivo ao seu ataque. Consequentemente, as linhas dos rios Lombard e Venetian são favoráveis em todos os aspectos a um exército alemão, seja por defesa ou ofensa, e desfavoráveis a um exército italiano ou italo-francês; e se adicionarmos a circunstância discutida acima, de que o tirolês ultrapassa todas essas linhas, não há realmente motivo para se preocupar com a segurança da Alemanha, mesmo que não houvesse um único soldado austríaco em solo italiano; pois o solo da Lombardia  nosso sempre que queremos. e as distâncias mais

curtas dos vários pontos da periferia que o favorecem na defesa acrescentam um peso decisivo ao seu ataque. Consequentemente, as linhas dos rios Lombard e Venetian são favoráveis em todos os aspectos a um exército alemão, seja por defesa ou ofensa, e desfavoráveis a um exército italiano ou ítalo-francês; e se adicionarmos a circunstância discutida acima, de que o tirolês ultrapassa todas essas linhas, não há realmente motivo para se preocupar com a segurança da Alemanha, mesmo que não houvesse um único soldado austríaco em solo italiano; pois o solo da Lombardia é nosso sempre que queremos. e as distâncias mais curtas dos vários pontos da periferia que o favorecem na defesa acrescentam um peso decisivo ao seu ataque. Consequentemente, as linhas dos rios Lombard e Venetian são favoráveis em todos os aspectos a um exército alemão, seja por defesa ou ofensa, e desfavoráveis a um exército italiano ou ítalo-francês; e se adicionarmos a circunstância discutida acima, de que o tirolês ultrapassa todas essas linhas, não há realmente motivo para se preocupar com a segurança da Alemanha, mesmo que não houvesse um único soldado austríaco em solo italiano; pois o solo da Lombardia é nosso sempre que queremos. e se adicionarmos a circunstância discutida acima, de que o tirolês ultrapassa todas essas linhas, não há realmente motivo para se preocupar com a segurança da Alemanha, mesmo que não houvesse um único soldado austríaco em solo italiano; pois o solo da Lombardia é nosso sempre que queremos. e se adicionarmos a circunstância discutida acima, de que o tirolês ultrapassa todas essas linhas, não há realmente motivo para se preocupar com a segurança da Alemanha, mesmo que não houvesse um único soldado austríaco em solo italiano; pois o solo da Lombardia é nosso sempre que queremos.

Além disso, essas linhas do rio Lombard são, na maioria das vezes, bastante insignificantes e inadequadas para defesa séria. Além do próprio Pó, que será discutido abaixo, existem apenas duas posições em toda a bacia que são realmente importantes para a França ou a Alemanha; as equipes gerais relevantes perceberam a força dessas zonas e as fortificaram e, sem dúvida, desempenharão um papel decisivo na próxima guerra. No Piemonte, uma milha abaixo de Casale, o Pó, que tem um percurso leste até aquele ponto, vira para o sul, corre para o sul-sudeste por uns bons três quilômetros e depois dobra novamente para o leste. Na curva norte, a Sesia flui do norte; na curva sul, o Pó é acompanhado pelo Tanaro, vindo do sudoeste. O Tanaro é acompanhado, pouco antes de sua confluência, perto de Alexandria, pelos Bormida, Orba e Belbo, formar um sistema de linhas radiais de rios convergindo em um ponto central; este importante cruzamento é

coberto pelo acampamento fortificado de Alexandria. A partir de Alexandria, como base, um exército pode pegar uma margem dos rios menores, defender a linha do Pó à sua frente ou atravessar o Pó em Casale (também uma fortaleza) ou operar a jusante ao longo da margem direita do rio. Pó. Essa posição, reforçada por fortificações suficientes, é a única que cobre o Piemonte ou pode servir de base para operações ofensivas contra a Lombardia e os ducados. Ele tem a desvantagem de que não possui profundidade, uma circunstância altamente desfavorável, pois pode ser flanqueada ou rompida frontalmente; um ataque forte e hábil o reduziria em breve ao campo fortificado ainda incompleto de Alexandria, e não temos base para julgar em que medida esse campo poderia proteger os defensores de terem que lutar em condições desfavoráveis, uma vez que nem a natureza das últimas fortificações ali nem a extensão em que foram concluídas são conhecidas. Napoleão já percebeu a importância dessa posição para a defesa do Piemonte contra ataques do leste, e Alessandria se refortificou. Em 1814, a posição não manteve seu poder protetor; até que ponto isso pode ser feito hoje pode ser evidente para nós em breve. e Alessandria se refortificou. Em 1814, a posição não manteve seu poder protetor; até que ponto isso pode ser feito hoje pode ser evidente para nós em breve. e Alessandria se refortificou. Em 1814, a posição não manteve seu poder protetor; até que ponto isso pode ser feito hoje pode ser evidente para nós em breve.

A segunda posição, que protege a região veneziana contra ataques do oeste, tanto quanto ou mais que Alessandria, no Piemonte, é a de Mincio e Adige. O Mincio, depois de deixar o lago Garda, flui para o sul por seis quilômetros até Mântua. Lá, torna-se uma espécie de lagoa cercada por pântanos e depois flui para o sudeste, até o Pó. O trecho do rio abaixo dos pântanos de Mântua para a confluência é muito curto para ser usado como uma travessia por um exército, já que o inimigo poderia levá-los pela retaguarda por uma surtida de Mântua e obrigá-los a lutar nas condições mais desfavoráveis. Um movimento de flanco do sul teria que ir além, e atravessar o Pó em Revere ou Ferrara. No norte, a posição no Mincio é amplamente protegida pelo lago de Garda contra o flanco, de modo que o comprimento real da linha de Mincio que precisa ser defendido, de Peschiera a Mântua, tem apenas seis quilômetros de extensão, com uma fortaleza em cada extremidade, garantindo um débouché na margem direita do rio. O Mincio em si não é um grande obstáculo, e um banco ou outro é mais alto, dependendo da localidade. Isso desacreditou a linha mais ou menos antes de 1848 e dificilmente se tornaria muito famosa se não fosse significativamente fortalecida por uma circunstância especial. Essa

circunstância é que seis quilômetros mais atrás, o Adige, o segundo maior rio da Alta Itália, flui em um arco aproximadamente paralelo aos cursos do Mincio e do Baixo Pó e, assim, forma uma segunda posição mais forte, reforçada pelos dois Fortalezas Adige de Verona e Legnago. As duas linhas do rio, com suas quatro fortalezas, constituem uma posição defensiva tão forte para um exército alemão ou austríaco atacado pela Itália ou pela França que nenhum outro complexo na Europa possa ser comparado a ele; um exército que ainda pode entrar em campo depois de deixar guarnições nos pontos fortes poderá facilmente suportar uma força duas vezes mais forte, se for baseado nessa posição. Radetzky mostrou em 1848 o que poderia ser retirado da posição. Após a revolução de março em Milão, a deserção dos regimentos italianos e a travessia do Ticino pelos piemonteses, retirou-se para Verona com o resto de suas tropas, cerca de 45.000 homens. Depois de deixar guarnições de 15.000 homens, ele tinha um pouco mais de 30.000 homens disponíveis. Contra ele, entre o Mincio e o Adige, havia cerca de 60.000 piemonteses, tuscanos, modeneses e parmesãos. Na retaguarda, apareceu o exército de Durando, cerca de 45.000 soldados e voluntários papais e napolitanos.³ A única linha de comunicação que ele havia deixado era através do Tirol, e até isso foi ameaçado, embora apenas levemente, por irregularidades lombardas nas montanhas. No entanto, Radetzky continuou firme. Manter Peschiera e Mântua sob controle atraiu tantas tropas dos piemonteses que, quando atacaram a posição de Verona (batalha de Santa Lúcia) em 6 de maio, podiam colocar apenas quatro divisões, de 40.000 a 45.000 homens, em campo. Radetzky poderia utilizar 36.000 homens, incluindo a guarnição de Verona. Considerando a posição defensiva taticamente forte dos austríacos, o equilíbrio já estava estabelecido no campo de batalha e os piemonteses foram derrotados. A contra-revolução em Nápoles, em 15 de maio, libertou Radetzky da presença de 15.000 napolitanos⁴ e reduzir o exército do continente veneziano para cerca de 30.000; destes, apenas 5.000 suíços papais e aproximadamente o mesmo número de tropas italianas papais da linha poderiam ser usados em campo aberto, sendo o restante irregular. O exército de reserva de Nugent, formado em abril em Isonzo, invadiu facilmente essas

³ Em março de 1848, sob pressão das massas que haviam se levantado por toda a Itália contra o domínio austríaco, o papa Pio IX e Fernando II de Nápoles foram obrigados a enviar tropas para o norte da Itália para combater os austríacos. Mas a participação dessas forças na luta de libertação foi breve, pois logo Pio IX e Fernando II abertamente passaram para os inimigos da revolução italiana.

⁴ Em 15 de maio de 1848, o rei Fernando II de Nápoles reprimiu brutalmente uma revolta popular em Nápoles e realizou um golpe de estado. Ele lembrou a Nápoles o corpo napolitano que estava na Lombardia para ajudar o exército revolucionário, facilitando assim a posição de Radetzky no norte da Itália.

tropas e juntou-se a Radetzky, perto de Verona, em 25 de maio, quase 20.000 soldados. Agora, finalmente, o velho marechal de campo poderia ir além da defesa passiva. A fim de aliviar Peschiera, que os piemonteses estavam sitiando, e para se dar mais liberdade de ação, ele fez a célebre marcha de flanco a Mântua com todo o seu exército (27 de maio), e a partir daqui foi debochada na margem direita do Mincio em o dia 29, invadiu a linha inimiga no Curtatone e seguiu em direção a Goito no dia 30, na retaguarda e no flanco dos italianos. Mas Peschiera caiu no mesmo dia; o tempo ficou desfavorável e Radetzky ainda não se sentia suficientemente forte para uma batalha decisiva. Assim, em 4 de junho, ele voltou a Mântua de volta ao Adige, enviou o corpo de reserva para Verona e, com o restante de suas tropas, viajou por Legnago contra Vicenza, que Durando havia fortalecido e ocupado com 17.000 homens. No dia 10, ele atacou Vicenza com 30.000 homens; no dia 11, Durando capitulou, após forte resistência. O Segundo Corpo de Exército (d'Aspre) conquistou Pádua, o vale do Alto Brenta e o continente veneziano em geral e depois seguiu o Primeiro Corpo para Verona; um segundo exército de reserva sob Welden surgiu do Isonzo. Durante esse período e até o final da campanha, os piemonteses, com obstinação supersticiosa, concentraram toda a atenção no platô de Rivoli, que, desde a vitória de Napoleão, eles parecem ter considerado a chave da Itália, mas que havia perdido sua importância em 1848, uma vez que os austríacos haviam restaurado a comunicação segura com o Tirol através de Vallarsa e, em particular, restabelecido a conexão direta com Viena através do Isonzo. Ao mesmo tempo, algo tinha que ser feito contra Mântua, e assim um bloco foi montado na margem direita do Mincio - uma operação que não poderia ter outro propósito senão documentar a perplexidade que prevalecia no campo piemontês para dispersar o exército durante todo o trecho de 13 quilômetros de Rivoli a Borgoforte e na barganha para dividi-lo em duas metades pelo Mincio, metades que não podiam se apoiar. eles parecem ter considerado a chave da Itália, mas que havia perdido sua importância em 1848 desde que os austríacos haviam restabelecido a comunicação segura com o Tirol através do Vallarsa e, em particular, restabelecido a conexão direta com Viena através do Isonzo. Ao mesmo tempo, algo tinha que ser feito contra Mântua, e assim um bloco foi montado na margem direita do Mincio - uma operação que não poderia ter outro propósito senão documentar a perplexidade que prevalecia no campo piemontês para dispersar o exército durante todo o trecho de 13 quilômetros de Rivoli a Borgoforte e na barganha para dividi-lo em duas metades pelo Mincio, metades que não podiam se apoiar. eles parecem ter considerado a chave da Itália, mas que havia perdido sua importância em

1848 desde que os austríacos haviam restabelecido a comunicação segura com o Tirol através do Vallarsa e, em particular, restabelecido a conexão direta com Viena através do Isonzo. Ao mesmo tempo, algo tinha que ser feito contra Mântua, e assim um bloco foi montado na margem direita do Mincio - uma operação que não poderia ter outro propósito senão documentar a perplexidade que prevalecia no campo piemontês para dispersar o exército durante todo o trecho de 13 quilômetros de Rivoli a Borgoforte e na barganha para dividi-lo em duas metades pelo Mincio, metades que não podiam se apoiar.

Quando também foi feita a tentativa de bloquear Mântua na margem esquerda, Radetzky, que havia conseguido 12.000 soldados de Welden nesse meio tempo, decidiu romper os piemonteses em seu centro enfraquecido e derrotar as forças reunidas separadamente. Em 22 de julho, ele ordenou que Rivoli fosse atacado, e os piemonteses o evacuaram no dia 23; no dia 23, ele próprio partiu de Verona com 40.000 homens contra a posição de Sona e Sommacampagna, que foi defendida por apenas 14.000 piemonteses, a pegou e, assim, quebrou toda a frente inimiga. A ala esquerda piemontesa foi completamente recuada sobre o Mincio no dia 24, e a ala direita, que havia se reformado nesse meio tempo e avançava contra os austríacos, foi derrotada em Custoza no dia 25; no dia 26, todo o exército austríaco atravessou o Mincio e derrotou os piemonteses mais uma vez em Volta. Isso encerrou a campanha; os piemonteses se retiraram para trás do Ticino quase sem resistência.

Este breve relato da campanha de 1848 é uma prova melhor do que qualquer raciocínio teórico poderia dar sobre a força da posição no Mincio e no Adige. Uma vez que os piemonteses entraram no quadrilátero entre as quatro fortalezas, eles tiveram que separar tantas tropas que seu poder ofensivo foi quebrado, como mostra a batalha de Santa Lúcia, enquanto Radetzky, assim que chegou seus primeiros reforços, podia se mover entre as fortalezas com total liberdade, baseiam-se agora em Mântua e depois em Verona, hoje ameaçam a retaguarda do inimigo na margem direita do Mincio e, alguns dias depois, capturam Vicenza e mantêm constantemente a iniciativa na campanha. Os piemonteses cometeram erro após erro, é verdade; mas é precisamente a força de uma posição que coloca o inimigo em um dilema e quase o obriga a cometer erros. Manter as fortalezas individuais sob controle, sem falar em cercá-las, o obriga a dividir suas forças e enfraquecer sua força ofensiva disponível; os rios o obrigam a repetir a divisão e tornam mais ou menos impossível que seus vários corpos venham em auxílio um do outro. Que

forças seriam necessárias para cercar Mântua, desde que um exército pronto para a ação em campo pudesse sair dos fortes destacados de Verona a qualquer momento?

Somente Mântua foi capaz de sustentar o exército vitorioso do general Bonaparte em 1797. Somente duas vezes uma fortaleza o impediu: Mântua e, dez anos depois, Danzig. Em toda a segunda parte da campanha de [1796 e] 1797: Castiglione, Medole, Calliano, Bassano, Arcole, Rivoli⁵ tudo gira em torno de Mântua, e somente após a queda da fortaleza é que os vencedores se aventuram a avançar para o leste e sobre o Isonzo. Naquela época, Verona não era fortificada; em 1848, apenas o círculo de muros foi completado na margem direita do Adige, em Verona, e a batalha de Santa Lúcia foi travada em terreno onde redutos austríacos foram erguidos imediatamente depois, e fortes destacados permanentes posteriormente; somente como resultado disso o campo fortificado de Verona se tornou o núcleo, a cidadela de toda a posição, que assim ganhou enormemente em força.

Veremos que não temos a intenção de contestar a importância da linha Mincio. Mas não esqueçamos: essa linha só se tornou importante quando a Áustria começou a travar guerra na Itália por conta própria e a linha de comunicação Bolzano-Innsbruck-Munique foi empurrada para segundo plano pela linha Treviso-Klagenfurt-Viena. E para a Áustria, como atualmente constituída, a posse da linha Mincio é 'de fato uma questão de vida ou morte. A Áustria como um estado independente, que deseja operar como uma grande potência européia independente também da Alemanha, deve controlar o Mincio e o Baixo Pó ou abandonar a defesa do Tirol; caso contrário, o Tirol seria flanqueado por ambos os lados e ligado ao resto do Império apenas pela Passagem Toblach (a estrada de Salzburgo para Innsbruck passa pela Baviera). Agora, os militares idosos consideram que o Tirol tem grandes capacidades defensivas e controla as bacias do Danúbio e do Pó. Mas essa opinião se baseia inteiramente na fantasia e nunca foi confirmada pela experiência, por uma guerra insurrecional, como em 1809,⁶ não prova nada para as operações de um exército regular.

⁵ Engels enumera as batalhas entre os exércitos francês e austríaco durante o cerco de Mântua pelos franceses (ver também nota 162) na campanha italiana de Napoleão em 1796-97. Na *batalha de Medole*, os austríacos foram derrotados; na primeira *batalha em Calliano*, em 4 de setembro de 1796, os franceses foram vitoriosos, mas na segunda, de 6 a 7 de novembro, foram expulsos pelos austríacos; em Bassano, em 8 de setembro de 1796, os franceses foram vitoriosos, mas a batalha de 6 de novembro foi imprecisa.

⁶ A referência é à luta de libertação nacional contra o jugo de Napoleão travado pelos camponeses tirolezes sob Andreas Hofer em 1809. Nesta guerra insurrecional, os tirolezes usavam amplamente métodos de guerrilha para combater nas montanhas. Em outubro de 1809, o governo austríaco assinou a

A fonte dessa opinião é Bülow, ele a expressa, entre outros lugares, em sua história dos Hohenlinden⁷ e campanhas do Marengo. Uma cópia da tradução francesa deste livro, pertencente a Emmett, um oficial de engenharia inglês designado para Santa Helena enquanto Napoleão estava prisioneiro lá, chegou às mãos do general exilado em 1819. Ele fez muitas anotações marginais nele e Emmett reimprimiu o livro em 1831 com as anotações de Napoleão. Napoleão obviamente começou a ler o livro em um estado de espírito favorável. Na proposta de Bülow de dividir toda a infantaria em escaramuçadores, ele observa com benevolência: "Ordem, sempre ordem - os escaramuçadores devem sempre ser apoiados por tropas da linha". Depois, temos algumas vezes: "Bom - isso é bom" e novamente: "Bom!" Mas, a partir da vigésima página, é demais para Napoleão quando ele vê a infeliz Billow mexendo com a cabeça, com rara futilidade e falta de jeito, para explicar todas as vicissitudes da guerra por meio de sua teoria de retiradas excêntricas e ataques concêntricos, e roubar os movimentos mais magistrais de seu significado pela interpretação dos alunos. Primeiro alguns: "Mau - isso é mau - mau princípio", e depois "Isso não é verdade - absurdo - plano ruim, muito perigoso - mantenha-se unido se você quiser vencer - nunca se deve separar o exército por um rio - tudo esse andaime é um absurdo", etc. E quando Napoleão descobre que Bülow continua elogiando as más operações e condenando as boas, ele atribui os motivos mais bobos aos generais e lhes dá os conselhos mais cômicos, e finalmente quer acabar com os baioneta e armar a segunda linha da infantaria com lanças, ele grita: "Conversa ininteligível, que conversa absurda, que absurdo, que conversa miserável, que ignorância da guerra". e roubar os movimentos mais magistrais de seu significado pela interpretação dos alunos. Primeiro alguns: "Mau - isso é mau - mau princípio", e depois "Isso não é verdade - absurdo - plano ruim, muito perigoso - mantenha-se unido se você quiser vencer - nunca se deve separar o exército por um rio - tudo esse andaime é um absurdo", etc. E quando Napoleão descobre que Bülow continua elogiando as más operações e condenando as boas, ele atribui os motivos mais bobos aos generais e lhes dá os conselhos mais cômicos, e finalmente quer acabar com os baioneta e armar a segunda linha da infantaria com lanças, ele grita: "Conversa ininteligível, que conversa absurda, que absurdo, que conversa miserável, que ignorância da guerra", e roubar os movimentos

paz com a França napoleônica, em consequência da qual os camponeses tirolezes, sem apoio do exército regular austríaco, foram derrotados pelos franceses e italianos em 1810.

⁷ Na batalha de Hohenlinden, que ocorreu em 3 de dezembro de 1800, durante a guerra de azulejos entre a França e a segunda coalizão européia, o exército francês sob Moreau derrotou o exército austríaco do arquiduque John.

mais magistras de seu significado pela interpretação dos alunos. Primeiro alguns: “Mau - isso é mau - mau princípio”, e depois “Isso não é verdade - absurdo - plano ruim, muito perigoso - mantenha-se unido se você quiser vencer - nunca se deve separar o exército por um rio - tudo esse andaime é um absurdo”, etc. E quando Napoleão descobre que Bülow continua elogiando as más operações e condenando as boas, ele atribui os motivos mais bobos aos generais e lhes dá os conselhos mais cômicos, e finalmente quer acabar com os baioneta e armar a segunda linha da infantaria com lanças, ele grita: "Conversa ininteligível, que conversa absurda, que absurdo, que conversa miserável, que ignorância da guerra".

Bülow aqui reprova o exército austríaco do Danúbio sob Kray por ter ido a Ulm em vez de ao Tirol. O Tirol, disse ele, esse bastião inexpugnável de rochas e montanhas, domina a Baviera e uma parte da Lombardia se for ocupado por tropas suficientes (Napoleão: “Não se ataca montanhas, nem o Tirol nem a Suíça, mantém-se sob observação. e os rodeia pelas planícies”). Então Bülow censura Moreau por se deixar levar por Kray em Ulm, em vez de deixá-lo lá e conquistar o Tirol, que era fracamente mantido: a conquista do Tirol derrubaria a monarquia austríaca (Napoleão: Absurdo, mesmo que o Tirol tivesse sido). aberto, não deveria ter sido inserido”).

Depois de terminar de ler o livro, Napoleão caracterizou o sistema de retiradas excêntricas e ataques concêntricos e o controle das planícies pelas montanhas nas seguintes palavras: “Se você quiser aprender a derrotar um exército mais forte por um exército mais fraco, estude máximas do escritor; você terá ideias sobre a ciência da guerra, ele prescreve o oposto do que deve ser ensinado.”

Napoleão repetiu, três ou quatro vezes, o aviso: "Os países das montanhas nunca devem ser atacados". Esse medo das montanhas data obviamente de seus últimos anos, quando seus exércitos atingiram tamanho tão colossal e foram amarrados às planícies por razões de suprimento e desenvolvimento tático. Espanha⁸ e o Tirol também pode ter contribuído para isso. Anteriormente, ele não tinha tanto medo das montanhas. A primeira metade de sua campanha de 1796 foi toda travada nas montanhas e, nos anos seguintes, Masséna e Macdonald provaram adequadamente que mesmo na guerra nas montanhas - e precisamente mais do que em qualquer outro lugar - grandes coisas podem

⁸ A referência é à luta de libertação nacional do povo espanhol contra os invasores franceses entre 1808 e 1814, durante a qual os espanhóis fizeram amplo uso dos métodos de guerrilha de combate nas montanhas.

ser realizadas com pequenas forças. Mas, em geral, é claro que nossos exércitos modernos podem desenvolver seu poder melhor em terrenos mistos de planícies e contrafortes, e que uma teoria é falsa que prescreve lançar um grande exército em regiões de alta montanha - não em trânsito, mas em posições permanentes. lá - desde que haja planícies livres como as da Baviera e Lombardia de ambos os lados, nas quais a guerra possa ser decidida. Quanto tempo pode um exército de 150, 000 homens serão alimentados no Tirol? Em quanto tempo a fome os levaria à planície, onde nesse meio tempo o inimigo teria tempo para cavar e onde eles poderiam ser forçados a lutar sob as circunstâncias mais desfavoráveis? E onde, nos vales estreitos, eles poderiam encontrar uma posição em que pudessem desenvolver toda a sua força?

Uma vez que a Áustria não controlasse mais o Mincio e o Adige, o Tirol seria uma posição perdida, que teria que desistir assim que fosse atacado pelo norte ou pelo sul. Para a Alemanha, o Tirol flanqueia a Lombardia até o Adda por meio de seus passes; para uma Áustria agindo separadamente, a Lombardia e Vencitia até o Brenta ultrapassam o Tirol. O Tirol só é viável para a Áustria quando é blindado pela Baviera no norte e posse da linha Mincio no sul. O estabelecimento da Confederação do Reno⁹ tornou impossível para a Áustria, por si só, fazer uma defesa séria do Tirol e de Venetia, e, portanto, foi bastante consistente para Napoleão destacar as duas províncias da Áustria no Tratado de Pressburg.¹⁰

Para a Áustria, portanto, a posse da linha Mincio com Peschicra e Mântua é uma necessidade absoluta. Para a Alemanha como um todo, sua posse não é de todo necessária, embora ainda seja uma grande vantagem militar. Qual é essa vantagem, é óbvia: simplesmente que nos garante, com antecedência, uma posição forte na planície da Lombardia, que não devemos conquistar primeiro, e que complementa nossa posição defensiva confortavelmente enquanto apoia significativamente nossa ofensiva poder.

Mas e se a Alemanha não mantiver a linha Mincio?

⁹ A *Confederação do Reno* (Rheinbund) - uma associação de dezesseis estados no sul e no oeste da Alemanha, estabelecida em julho de 1806 sob o protetorado de Napoleão I, depois que este derrotou a Áustria em 1805. 1, após outros vinte estados no oeste e no centro e o norte da Alemanha ingressou na Confederação. Desmoronou em 1813, após a derrota do exército de Napoleão na Alemanha.

¹⁰ Nos termos do Tratado de Pressburg (Bratislava), celebrado em 26 de dezembro de 1805 entre a França e a Áustria, este último reconheceu a apreensão da França de parte do território italiano (Piemonte, Gênova, Parma, Placência, etc.) e cedeu ao Reino da Itália (isto é, para Napoleão I, que se tornou rei da Itália), a costa do Adriático - a região veneziana, Ístria e Dalmácia - mantendo apenas Triest. Napoleão I deu o Tirol ao seu aliado Baviera.

Vamos supor que toda a Itália seja independente, unificada e aliada à França para uma guerra ofensiva contra a Alemanha. Resulta de tudo o que dissemos até agora que, nesse caso, a linha operacional e de retirada dos alemães não seria Viena-Klagenfurt-Treviso, mas Munique-Innsbruck-Bolzano e Munique-Füssen-Finstermünz-Glorenza, e que seus pontos de venda na planície da Lombardia fica entre o Val Sugana e a fronteira com a Suíça. Onde então está o ponto decisivo do ataque? Obviamente, aquela parte do alto da Itália que permite a comunicação da península com o Piemonte e a França, o Pó Médio da Alexandria até Cremona. Mas as passagens entre o lago Garda e o lago Como são suficientes para fornecer aos alemães acesso a essa região e manter um caminho de retirada na mesma rota ou, se o pior acontecer, sobre o passo Stelvio. Nesse caso, as fortalezas do Mincio e do Adige, que supomos estar nas mãos dos italianos, ficariam longe do campo decisivo da batalha. A ocupação do acampamento entrincheirado de Verona com forças adequadas suficientes para uma ofensiva seria apenas uma dispersão inútil das tropas inimigas. Ou é esperado que os italianos reunidos no amado platô de Rivoli neguem o vale do Adige aos alemães? Desde que a estrada Stelvio (sobre o passo Stelvio) foi construída, a saída do vale do Adige perdeu muito de sua importância. Mas supondo que Rivoli deva mais uma vez ser a chave para a Itália e que os alemães sejam atraídos com força suficiente pelo poder de atração do exército italiano estacionado ali para fazer o ataque - que propósito Verona teria nesse caso? Não bloqueia o vale do Adige, caso contrário a marcha dos italianos para Rivoli seria inútil. Peschiera é suficiente para cobrir uma retirada em caso de derrota; fornece uma travessia segura sobre o Mincio e, portanto, garante um avanço adicional a Mântua ou Cremona. Reunindo toda a força de ataque italiana entre as quatro fortalezas, talvez para esperar os franceses chegarem lá, e recusando-se a provocar a luta, dividiria as forças que nos são opostas no início da campanha e nos permitiria, primeiro, movimentar forças concentradas contra os franceses ao longo de sua união e depois de derrotá-los para empreender o processo um tanto tedioso de desalojar os italianos de suas tropas. fortificações. Um país como a Itália, cujo exército nacional é confrontado com qualquer ataque bem-sucedido do norte e leste com o dilema de escolher entre o Piemonte e a península como sua base de operações, obviamente deve ter suas principais instalações defensivas na região onde seu exército pode encontrar esse dilema. Aqui as confluências do Ticino e do Adda com o Pó constituem pontos de apoio. General von Willisen (cujo exército nacional é confrontado em qualquer ataque bem-sucedido do norte e do leste com o dilema de escolher entre o Piemonte e a península como sua base de operações, deve obviamente ter suas principais

instalações defensivas na região onde seu exército pode encontrar esse dilema. Aqui as confluências do Ticino e do Adda com o Pó constituem pontos de apoio. General von Willisen (cujo exército nacional é confrontado em qualquer ataque bem-sucedido do norte e do leste com o dilema de escolher entre o Piemonte e a península como sua base de operações, deve obviamente ter suas principais instalações defensivas na região onde seu exército pode encontrar esse dilema. Aqui as confluências do Ticino e do Adda com o Pó constituem pontos de apoio. General von Willisen (*Italienischer Feldzug des Jahres 1848*) queria que ambos os pontos fossem fortalecidos pelos austríacos. Além do fato de que isso não funcionará, apenas pelo motivo de a terra necessária não lhes pertencer (em Cremona, a margem direita do Pó é parmesão e em Piacenza, eles têm apenas direitos de guarnição), os dois pontos estão longe demais encaminhar para uma grande posição defensiva em um país em que os austríacos seriam cercados por insurreições em qualquer guerra; além disso, Willisen, que nunca pode ver dois rios unindo-se sem fazer planos para um grande acampamento entrincheirado, esquece que nem o Ticino nem o Ad (la são linhas defensáveis e, de acordo com seus próprios pontos de vista, não cobrem a região por trás Mas o que seria uma despesa inútil para os austríacos é, sem dúvida, uma boa posição para os italianos: para eles, o Pó é a principal linha de defesa;

O general von Radowitz disse na Assembleia Nacional de Frankfurt: Se a Alemanha não mantiver mais a linha Mincio, ela será colocada na mesma posição em que seria hoje após uma campanha mal sucedida. A guerra seria então travada imediatamente em solo alemão; começaria no Isonzo e no Tirol italiano e todo o sul da Alemanha até a Baviera seria flanqueado, de modo que a guerra, mesmo na Alemanha, teria que ser travada no Isar e não no Alto Reno.

O general von Radowitz parece ter avaliado o conhecimento militar de seu público com precisão suficiente. É verdade que, se a Alemanha desiste da linha Mincio, desiste tanto, em terrenos e posições, quanto uma campanha bem-sucedida pode trazer franceses e italianos. Mas isso não significa que a Alemanha seria colocada na posição em que uma campanha malsucedida a colocaria. Ou é um exército alemão forte e intacto que se reúne ao pé bávaro dos Alpes e marcha sobre os passes tirolezes para invadir a Lombardia na mesma situação que um exército arruinado e desmoralizado por uma campanha malsucedida e fugindo para o Brenner, perseguido pelo inimigo? As chances de uma ofensiva bem-sucedida de uma posição que em muitos aspectos domina o ponto de junção de franceses e italianos são iguais às chances de um exército derrotado ter que artilharia

sobre os Alpes? Conquistamos a Itália com muito mais frequência antes de termos a linha Mincio do que desde que a possuímos; quem pode duvidar que possamos executar o truque novamente, se necessário?

Quanto ao ponto de que, sem a linha de Mincio, a guerra seria imediatamente transferida para a Baviera e Caríntia, isso também está incorreto. O resultado de toda a nossa exposição é que, sem a linha de Mincio, a defesa da fronteira sul da Alemanha só pode ser conduzida *ofensivamente*. Uma razão para isso é a natureza montanhosa das províncias fronteiriças da Alemanha, que não pode servir como um campo de batalha decisivo; outra é a posição favorável dos passes alpinos. O campo de batalha fica nas planícies na frente deles. É aí que temos que descer, e nenhum poder na Terra pode nos impedir de fazê-lo. É difícil conceber um prelúdio mais favorável a uma ofensiva do que o que temos à nossa disposição no caso mais desfavorável de uma aliança franco-italiana. Pode ser fortalecido melhorando as estradas alpinas e fortalecendo os entroncamentos no Tirol o suficiente, se não para segurar o inimigo inteiramente no caso de um recuo, pelo menos para obrigá-lo a destacar contingentes fortes para proteger suas comunicações. No que diz respeito às estradas através dos Alpes, todas as guerras nos Alpes provam que a maioria das estradas principais não pavimentadas e muitos caminhos de freio são praticáveis para todas as classes de armas sem dificuldade excessiva. Nessas circunstâncias, deve ser possível organizar uma ofensiva alemã na Lombardia de maneira a ter todas as perspectivas de sucesso. Ainda poderíamos ser derrotados, com certeza; e então devemos ter o caso de que Radowitz fala. Nesse caso, o que dizer da exposição de Viena e do flanco da Baviera através do Tirol?

Em primeiro lugar, é claro que nenhum batalhão inimigo ousaria atravessar o Isonzo até que o exército alemão do Tirol seja completamente e irrevogavelmente jogado de volta sobre o Brenner. Uma vez que a Baviera é a base operacional alemã contra a Itália, a partir desse momento, uma ofensiva franco-italiana na direção de Viena não tem propósito; seria uma dispersão fútil de forças. Mesmo que Viena fosse um centro tão vital que valeria a pena dedicar o poder principal do exército inimigo para conquistá-lo, isso prova apenas que Viena deve ser fortificada. A campanha de Napoleão em 1797 e as invasões da Itália e da Alemanha em 1805 e 1809 poderiam ter sido muito ruins para os franceses se Viena tivesse sido fortificada. Uma ofensiva levada adiante a tais distâncias sempre corre o risco de ver suas últimas forças esmagadas diante de uma capital fortificada.

Mas e quanto ao flanco de toda a Alemanha do Sul através da Itália? De fato, se a Lombardia flanqueia a Alemanha até Munique, até que ponto a Alemanha flanqueia a Itália? Pelo menos até Milão e Pavia. Até agora, então, as chances são iguais. Mas, devido à largura muito maior da Alemanha, um exército no Alto Reno, que é “flanqueado” da Itália em direção a Munique, não precisa, por esse motivo, se retirar imediatamente. Um acampamento entrincheirado na Alta Baviera ou uma Munique temporariamente fortificada poderia receber o exército derrotado do Tirol e logo interromper a ofensiva do inimigo perseguidor, enquanto o exército do Alto Reno teria a opção de se basear em Ulm e Ingolstadt ou no Main, isto é, na pior das hipóteses, teria que mudar sua base de operações. Na Itália, por outro lado, é totalmente diferente. Se um exército italiano é flanqueado pelas passagens tirolesas no oeste, ele só precisa ser expulso de suas fortalezas e toda a Itália é conquistada. Em uma guerra contra a França e a Itália, a Alemanha sempre tem vários exércitos, pelo menos três, e a vitória ou derrota dependerá do resultado agregado das três campanhas. A Itália tem espaço para apenas um exército; qualquer divisão seria um erro; e se esse exército for exterminado, a Itália será conquistada. Para um exército francês na Itália, a comunicação com a França é vital sob todas e quaisquer condições; e enquanto essa linha de comunicação não se limitar ao Col di Tenda e a Gênova, seu flanco estará exposto aos alemães no Tirol - e, ainda mais, quanto mais os franceses avançarem para a Itália. A possibilidade de uma penetração da Baviera através do Tirol pelos franceses e italianos deve, com certeza, *As guerras alemãs* são travadas novamente na Itália e a base de operações é transferida da Áustria para a Baviera. Mas, com fortificações adequadas no sentido moderno, com as fortalezas presentes por causa dos exércitos, e não os exércitos por causa das fortalezas, a ponta de lança dessa invasão pode ser quebrada com muito mais facilidade do que a invasão alemã da Itália. E, portanto, não precisamos ter pesadelos com o chamado "flanco" de toda a Alemanha do Sul. Um inimigo que flanqueava um exército alemão no Alto Reno através da Itália e do Tirol teria que avançar para o Báltico antes que pudesse colher os frutos desse flanqueamento. A marcha de Napoleão de Jena a Stettin¹¹ seria difícil de repetir na direção de Munique a Danzig.

¹¹ A referência é à marcha rápida e praticamente desimpedida do exército de Napoleão I na Prússia, após sua vitória sobre os prussianos em Jena e Auerstädt em 14 de outubro de 1806; em 29 de outubro, os franceses entraram em Stettin (Szczecin).

Não temos intenção de negar que a Alemanha tenha uma posição defensiva muito forte se desistir da linha do Adige e do Mincio. Mas negamos completamente que essa posição seja *necessária* para a segurança da fronteira sul da Alemanha. Se prosseguirmos com a suposição, como parecem os defensores da visão oposta, de que um exército alemão sempre será derrotado, onde quer que apareça, é possível imaginar que o Adige, o Mincio e o Pó são absolutamente necessários para nós. Mas, nesse caso, nada seria realmente útil; nem fortalezas nem exércitos valeriam, e a melhor coisa que poderíamos fazer seria ir imediatamente para o Caudine Forks.¹² Temos uma opinião diferente do poder militar da Alemanha, e isso nos deixa bastante satisfeitos em ver nossa fronteira sul protegida pelas vantagens de uma ofensiva em solo lombardo que essa fronteira proporciona.

Aqui, no entanto, considerações políticas entram em jogo que não podemos ignorar. Desde 1820¹³ o movimento nacional na Itália emergiu de toda derrota rejuvenescida e mais poderosa. Existem poucos países cujas chamadas fronteiras naturais coincidem tão estreitamente com as fronteiras da nacionalidade e são ao mesmo tempo tão claramente marcadas. Uma vez que o movimento nacional se fortaleceu em um país com mais de vinte e cinco milhões de habitantes, ele não pode mais descansar enquanto uma das melhores e politicamente e militarmente mais importantes partes do país, com quase um quarto da população, está sob domínio estrangeiro antinacional. Desde 1820, a Áustria governa a Itália apenas pela força, suprimindo repetidas insurreições, pelo terrorismo do estado de sítio. Para manter seu domínio na Itália, a Áustria é obrigada a tratar seus oponentes políticos, ou seja, todo italiano que se considera italiano, pior que criminosos comuns. A maneira pela qual os presos políticos italianos foram tratados pela Áustria e, até certo ponto, ainda estão sendo tratados, é algo inédito nos países civilizados. Os austríacos se deliciaram ao tentar degradar os agressores políticos na Itália, açoitando-os, quer para extorquir confissões ou sob o pretexto de punição. Fluxos

¹² Em 321 aC, durante a segunda guerra samnita, os samnitas derrotaram as legiões de Roir) nas (, audine pass, perto da antiga cidade romana de Caudine) e as obrigaram a mergulhar sob os "garfos", que era a maior vergonha para o exército derrotado, daí a expressão "afundar nos garfos caudinos", ou seja, sofrer extrema humilhação.

¹³ Em julho de 1820, os Carbonari se revoltaram contra o regime absolutista no Reino de Nápoles e conseguiram introduzir uma constituição liberal moderada. Em março de 1821, houve um levante no Piemonte, liderado por liberais que proclamaram uma constituição e tentaram fazer uso do movimento anti-austríaco no norte da Itália para unificar o país sob a égide da dinastia Savoy, então governando no Piemonte. A interferência dos poderes da Santa Aliança e a ocupação de Nápoles e Piemonte pelas tropas austríacas contribuíram para a restauração dos regimes absolutistas em ambos os estados.

de indignação moral foram derramados sobre o estilete italiano, sobre assassinatos políticos, mas parece ter sido completamente esquecido que foram os açóites austríacos que o provocaram. Os meios que a Áustria deve usar para manter seu domínio na Itália são a melhor prova possível de que essa regra não pode durar; e a Alemanha, que apesar de Radowitz,

A Alta Itália é um apêndice que, sob quaisquer condições, pode ser útil à Alemanha apenas na guerra, mas a paz só pode prejudicá-la. Os exércitos necessários para controlá-lo continuam crescendo desde 1820, e desde 1848, em um período de paz mais profunda, superam 70.000 homens, que estão sempre como se estivessem no país inimigo, esperando um ataque a qualquer momento. A guerra de 1848 e 1849 e a ocupação da Itália até os dias atuais - apesar das indenizações de guerra do Piemonte, apesar das repetidas indenizações da Lombardia, empréstimos forçados e impostos especiais - obviamente custaram à Áustria muito mais do que a Itália trouxe desde 1848. E isso apesar do fato de que entre 1848 e 1854 o país foi sistematicamente tratado como uma mera possessão temporária, a ser drenado de tudo o que pode ser extraído antes de sair. Desde a guerra oriental, a Lombardia está em um status menos anormal há alguns anos; e quanto tempo isso vai durar com as complicações de hoje e com o sentimento nacional italiano pulsando com tanta força novamente?

Muito mais importante, porém: a posse da Lombardia supera todo o ódio, toda a hostilidade fanática que ela nos trouxe por toda a Itália? Supera a cumplicidade nos procedimentos pelos quais a Áustria - em nome e em nome da Alemanha, como temos certeza - mantém lá sua regra? Supera a contínua intromissão nos assuntos internos do resto da Itália, sem a qual, de acordo com a prática anterior e as garantias austríacas, a Lombardia não pode ser mantida, e o que torna ainda mais feroz o ódio dos italianos a nós alemães? Em todas as nossas discussões militares acima, sempre assumimos o pior caso possível, uma aliança entre a França e a Itália. Enquanto mantivermos a Lombardia, a Itália certamente será o aliado da França em qualquer guerra francesa contra a Alemanha. Assim que deixarmos, isso não será mais verdade.

As conversas dissimuladas sobre a incompetência política dos italianos e seu chamado para estar sob domínio alemão ou francês, e as várias especulações sobre a possibilidade ou impossibilidade de uma Itália unificada, nos parecem um pouco estranhas para os alemães. Quanto tempo faz que *nós*, a grande nação alemã, com o dobro de pessoas que os italianos, escapamos do chamado para estar sob domínio francês ou

russo? E as realidades de hoje resolveram a questão da unidade ou desunião da Alemanha? Não estamos hoje, com toda a probabilidade, às vésperas de eventos que amadurecerão a questão de decidir nosso futuro em ambas as direções? Esquecemos completamente Napoleão em Erfurt ou o apelo austríaco à Rússia nas conferências de Varsóvia ou na batalha de Bronzell?¹⁴

Admitiremos por enquanto que a Itália deve estar sob influência alemã ou francesa. Nesse caso, o fator decisivo é, além de simpatias particulares, a posição geográfico-militar dos dois países influenciadores. Assumiremos que as forças militares da França e da Alemanha têm igual força, embora obviamente a Alemanha possa ser muito mais forte. Mas agora acreditamos que provamos que, mesmo no caso mais favorável, isto é, se o Valais e o Simplon Pass estivessem abertos a ela francesa, sua influência militar imediata se estenderia apenas ao Piemonte e eles teriam que vencer uma batalha antes de estender essa influência para outras áreas, enquanto nossa influência se estende a toda a Lombardia e ao ponto de junção entre o Piemonte e a península e teríamos que ser derrotados primeiro para nos privar dessa influência.

Recentemente, o general Hailbronner disse no Augsburg *Allgemeine Zeitung* algo como o seguinte: A Alemanha é chamada para outras coisas além de atuar como um condutor de raios para os raios que se acumulam sobre a cabeça da dinastia Bonaparte. Os italianos poderiam dizer com igual justificativa: a Itália é chamada para outras coisas além de servir de amortecedor para a Alemanha contra golpes franceses e de ser açoitada pelos austríacos em vez de agradecer, mas se a Alemanha tiver interesse em ter esse amortecedor lá, de qualquer forma, seria muito melhor se estivesse em boas relações com a Itália, fazendo justiça ao movimento nacional e deixando os assuntos italianos para os italianos, desde que eles não interfiram nos assuntos alemães. A afirmação de Radowitz de que a França necessariamente governaria amanhã a Alta Itália amanhã se a Áustria partisse hoje era tão infundada na época quanto há três meses; como as coisas estão

¹⁴ No outono de 1808, quando Napoleão cheguei a Erfurt para negociar com o czar russo Alexandre I, quase toda a Alemanha havia sido submetida à França. Os príncipes alemães reunidos em Erfurt confirmaram sua lealdade a Napoleão. Em maio e outubro de 1850, Varsóvia foi palco de conferências nas quais representantes da Rússia, Áustria e Prússia participaram. Eles foram convocados por iniciativa do czar russo, tendo em vista a intensificação da luta entre a Áustria e a Prússia pelo domínio na Alemanha. O czar russo atuou como árbitro na disputa entre a Áustria e a Prússia e usou sua influência para fazer a Prússia abandonar suas tentativas de formar uma confederação política de estados alemães sob sua própria égide. A batalha de Bronzell foi uma disputa sem importância entre destacamentos prussianos e austríacos em 8 de novembro de 1850, durante uma revolta em Kurhessen. A Prússia e a Áustria defendiam o direito de interferir nos assuntos internos de Kurhessen para reprimir a insurreição. Nesse conflito com a Prússia, a Áustria novamente recebeu apoio diplomático da Rússia e a Prússia teve que ceder.

hoje, essa afirmação parece querer se tornar verdadeira, mas em um sentido oposto ao de Radowitz. Se os vinte e cinco milhões de italianos não podem afirmar sua independência, os dois milhões de dinamarqueses, os quatro milhões de belgas, os três milhões de holandeses podem fazê-lo ainda menos. Não obstante, não ouvimos os defensores do domínio alemão na Itália lamentar o domínio francês ou sueco nesses outros países ou exigimos que ele seja substituído pelo domínio alemão.

No que diz respeito à questão da unidade, nossa opinião é: ou a Itália pode ser unificada e, em seguida, possui uma política própria, que necessariamente não será nem alemã nem francesa e, portanto, não pode ser mais prejudicial para nós do que para a União Européia. Francês; ou permanece dividido, e então a divisão nos garantirá aliados na Itália em qualquer guerra com a França.

De qualquer forma, isso é certo: tenhamos ou não a Lombardia, sempre teremos uma influência considerável na Itália, *desde que sejamos fortes em casa*. Se deixarmos a Itália administrar seus próprios assuntos, o ódio dos italianos por nós terminará automaticamente, e nossa influência natural sobre a Itália será muito maior em qualquer caso e, eventualmente, aumentará para a hegemonia real. Em vez de buscar nossa força na posse de solo estrangeiro e a opressão de uma nacionalidade estrangeira, cujo futuro só o preconceito pode negar, devemos fazer melhor para garantir que estamos *unidos e fortes em nossa própria casa*.

As Partes III e IV do texto “Pó e Reno” serão publicadas na próxima edição da revista *Novos Rumos*

PÓ E RENO¹

FRIEDRICH ENGELS

INTRODUÇÃO DOS ORGANIZADORES

Apresentamos nesta edição da Revista *Novos Rumos* as partes III e IV do panfleto “Pó e Reno”, inédito em língua portuguesa, concluindo publicação iniciada em 2020, no volume 57 da revista, por ocasião dos 200 anos de nascimento de Friedrich Engels, na seção *Clássicos/Documentos* que sempre abre as edições de nosso periódico.

O panfleto tem importância estratégica nas reflexões do autor, e foi escrito entre final de fevereiro e início de março de 1859, tendo sido publicado pela primeira vez, anonimamente, em Berlim, em abril de 1859.

Engels remete às questões dos processos de unificação da Alemanha e Itália não resolvidas nas Revoluções de 1848-49 e que, com a vitória da contrarrevolução burguesa, ficaram pendentes.

Com o fim da primeira crise econômica mundial do capitalismo o assunto voltou à tona com a presença da França bonapartista e do Império Austríaco. Às vésperas da eclosão do conflito, Engels analisa em perspectiva histórica – nas quatro partes que compõem o livreto – os aspectos militares, os interesses e as possibilidades estratégicas dos participantes no teatro da guerra.

Sugerimos ao leitor que acesse as Partes I e II, no link abaixo,² composta, respectivamente, de uma Introdução feita à época, e do texto propriamente dito.

PARTE III

O que vale para um vale para o outro. Se exigirmos o Pó e o Mincio para proteção, não tanto contra os italianos, como contra os franceses, não nos surpreenderemos se os franceses também reivindicarem linhas fluviais para proteção contra nós.

¹ Fonte: Karl Marx/Friedrich Engels Collected Works, Volume 16, p. 223 e ss. Organização da seção Clássicos/Documentos, Parte II - Engels, por Angélica Lovatto e Paulo Douglas Barsotti. Seleção de textos por Paulo Douglas Barsotti. Tradução do original em inglês de Paulo Barsotti e Angélica Lovatto.

² A primeira e segunda parte de “Pó e Reno” foram publicadas na Revista *Novos Rumos*, v. 57, n. 2, p. 5-20 Jul.-Dez., 2020. Acessar a Introdução ao texto em:

<https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/novosrumos/article/view/11392/6962>.

E acessar a parte I e II em:

<https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/novosrumos/article/view/11393>

O centro de gravidade da França não fica no Loire, em Orléans, mas ao norte, no Sena, em Paris; e a experiência provou duas vezes que, se Paris cai, toda a França cai.³ Portanto, o significado militar da configuração das fronteiras da França é determinado principalmente pela proteção que eles oferecem a Paris.

Linhas retas de Paris a Lyon, Basileia, Estrasburgo e Lauterbourg têm aproximadamente o mesmo comprimento, cerca de 85 milhas; mas qualquer invasão da França pela Itália, destinada a Paris, deve avançar entre o Ródano e Loire na área de Lyon, ou mais ao norte, se suas comunicações não forem ameaçadas. Consequentemente, a fronteira alpina da França, ao sul de Grenoble, está fora de questão em conexão com um avanço em Paris; deste lado, Paris está totalmente coberta.

Em Lauterbourg, a fronteira francesa sai do Reno em ângulo reto e segue para noroeste; de Lauterbourg a Dunquerque, forma quase uma linha reta. O arco que desenhamos usando Paris-Lyon como raio e passando por Basileia e Estrasburgo até Lauterbourg está rompido no momento; a fronteira norte da França é mais parecida com o acorde deste arco, e o segmento do círculo localizado fora desse acorde não pertence à França. A linha mais curta de Paris à fronteira norte, Paris-Mons, tem apenas metade do comprimento do raio Paris-Lyon ou Paris-Estrasburgo.

Essas simples relações geométricas explicam por que a Bélgica deve ser o campo de batalha de todas as guerras travadas no norte entre a Alemanha e a França. A Bélgica ultrapassa todo o leste da França, desde Verdun e Upper Marne até o Reno. Ou seja: um exército que invade a Bélgica pode chegar a Paris mais cedo do que um exército francês estacionado entre Verdun ou Chaumont e o Reno; o exército que avança da Bélgica pode, portanto – se sua ofensiva for bem-sucedida – sempre conduzir uma barreira entre Paris e o exército francês de Mosela ou Reno; e ainda mais, desde o caminho da fronteira belga até os pontos de Marne que são decisivos para a ação de flanco (Meaux, Chiteau-Thierry, Epernay) é ainda mais curto que o caminho para Paris.

Não apenas isso. Ao longo de toda a linha do rio Meuse ao mar, o terreno não oferece ao inimigo o menor obstáculo no caminho para Paris até que ele chegue ao Aisne e ao Oise inferior, cujos cursos, no entanto, são bastante desfavoráveis à defesa de Paris.

³ Paris foi capturada duas vezes pelas forças da coalizão anti-napoleônica. em 30-31 de março de 1814 e 6-8 de julho de 1815.

Paris contra ataques do norte: eles não apresentaram sérias dificuldades à ofensiva em 1814 ou 1815. Mas, mesmo admitindo que possam ser integrados ao sistema defensivo do Sena e de seus afluentes e que tenham sido parcialmente integrados em 1814, isso por si só é uma confirmação do fato de que a verdadeira defesa do norte da França, só começa em Compiègne e Soissons e que a primeira posição defensiva que protege Paris do norte fica a apenas 20 quilômetros de Paris.

É difícil imaginar uma fronteira estatal mais fraca que a fronteira francesa com a Bélgica. Sabemos como Vauban trabalhou para remediar a falta de meios naturais de defesa por meios artificiais; também sabemos como em 1814 e 1815 o ataque passou pelo anel triplo de fortalezas quase sem perceber. Sabemos que, em 1815, fortaleza após fortaleza caiu nos ataques de um único corpo prussiano após um cerco e bombardeio incrivelmente breves. Avesnes se rendeu em 22 de junho de 1815, depois de ser bombardeado por dez obuses de campo por meio dia. Guise se rendeu a dez armas de campo sem disparar um tiro. Maubeuge capitulou em 13 de julho, após 14 dias de trincheiras abertas. Landrecies abriu seus portões em 21 de julho, após 36 horas de trincheiras abertas e duas horas de bombardeios, depois que apenas 126 bombas e 52 tiros foram disparados pelos sitiados, *pro forma*, as honras de uma trincheira aberta e uma única bola de 24 libras e capitulada em 28 de julho. Philippeville aguentou dois dias de trincheiras abertas e algumas horas de projéteis. Rocroi 26 horas de trincheiras abertas e duas horas de bombardeamento. Apenas Mézières aguentou 18 dias após a abertura das trincheiras. Havia uma fúria de capitular entre os comandantes, não muito mais fraca do que na Prússia após a batalha de Jena; e se for argumentado que esses lugares estavam em mau estado em 1815, com guarnições fracas e mal equipados, não se deve esquecer que, com algumas exceções, essas fortalezas devem *sempre* ser negligenciadas. O anel triplo de Vauban não tem valor hoje; é um obstáculo positivo para a França. Nenhuma das fortalezas a oeste do rio Meuse protege qualquer setor do terreno por si só, e, em nenhum lugar, quatro ou cinco podem ser encontrados que formam um grupo no qual um exército está protegido e, ao mesmo tempo, mantém sua capacidade de manobrar. A razão é que nenhuma das fortalezas está localizada em um grande rio. Os Lys, os Scheldt e os Sambre só se tornam importantes militarmente em solo belga e, portanto, a ação dessas fortalezas espalhadas em campo aberto não se estende além do alcance de sua artilharia. Exceto por alguns grandes depósitos de suprimentos na fronteira – que poderiam servir de base para uma ofensiva na Bélgica, e alguns pontos de importância estratégica para Meuse e Moselle – todos os outros pontos

fortes e fortes da fronteira norte da França não têm efeito além de uma dispersão de forças bastante inútil. Qualquer governo que os arrasasse prestaria um serviço à França; mas o que diria a superstição tradicional francesa?

Assim, a fronteira norte da França é altamente desfavorável à defesa; de fato, é indefensável, e o anel de fortalezas de Vauban, em vez de reforçá-lo, é hoje apenas uma confissão e um monumento a sua fraqueza.

Como os teóricos da grande potência da Europa Central na Itália, os franceses também buscam além da fronteira norte uma linha de rio que possa lhes proporcionar uma boa posição defensiva. O que poderia ser?

A primeira linha em mãos seria a do Lower Scheldt e do Dyle, continuando até onde o Sambre se une ao Meuse. Essa linha daria a maior parte da Bélgica à França. Compreenderia em si quase todos os famosos campos de batalha belgas em que franceses e alemães lutaram entre si: Oudenarde, Jemappes, Fleurus, Ligny, Waterloo.⁴ Mas ainda assim, não faria uma linha de defesa; deixaria uma grande lacuna entre os Scheldt e os Meuse, pelos quais o inimigo poderia passar sem impedimentos.

A segunda linha seria o próprio Meuse. Se a França mantivesse a margem esquerda do rio Meuse, sua posição não seria tão favorável quanto a da Alemanha na Itália, se tivéssemos apenas a linha do Adige, que é muito arredondada, e a do Meuse, muito incompleta. Se passasse de Namur para Antuérpia, criaria uma fronteira muito melhor. Em vez disso, corre para nordeste a partir de Namur e somente depois de passar Venlo, flui para o Mar do Norte em um grande arco.

Em tempos de guerra, toda a região ao norte de Namur, entre o rio Meuse e o mar, seria coberta apenas por suas fortalezas; pois uma travessia inimiga do rio Meuse sempre encontraria o exército francês na planície de Brabante do Sul, e uma ofensiva francesa na margem esquerda alemã do Reno enfrentaria imediatamente a forte linha do Reno e diretamente o campo entrincheirado de Colônia. O ângulo de recuo do Meuse entre Sedan e Liège contribui para tornar a linha mais fraca, mesmo que o ângulo seja

⁴ A *batalha de Oudenarde* ocorreu em 11 de julho de 1708, durante a Guerra da Sucessão Espanhola. Os franceses foram derrotados pelas forças aliadas arégio-austríacas. Na *batalha de Jemappes*, em 6 de novembro de 1792, o exército revolucionário francês conquistou uma grande vitória sobre os austríacos. Na *batalha de Fleurus*, em 26 de junho de 1794, os franceses derrotaram os austríacos. Esta vitória permitiu aos franceses entrar na Bélgica e ocupá-la. Na *batalha de Ligny*, em 16 de junho de 1815, os prussianos foram derrotados pelos franceses. Esta foi a última batalha vencida por Napoleão I. Na *batalha de Waterloo*, em 18 de junho de 1815, o exército de Napoleão foi derrotado pelas forças aliadas da Grã-Bretanha, Holanda e Prússia.

preenchido pelas Ardenas. Assim, a linha do Meuse dá muito aos franceses para uma boa defesa da fronteira em um ponto, e muito pouco para os outros. Vamos continuar.

Se colocarmos um ponto de nossas bússolas em Paris no mapa e, com Paris-Lyon como nosso raio, descrevermos um arco de Basileia para o Mar do Norte, descobriremos que o curso do Reno *de Basileia até sua boca segue esse arco* com precisão. Dentro de algumas milhas, todos os pontos importantes do Reno estão igualmente distantes de Paris. *Esta é a verdadeira razão do desejo francês pela fronteira do Reno.*

Se a França tem o Reno, Paris – em relação à Alemanha – será realmente o centro da França. Todos os raios de Paris às fronteiras atacáveis, seja no Reno ou no Jura, têm o mesmo comprimento. A todo momento o inimigo é confrontado com a periferia convexa do círculo e deve manobrar em desvios atrás dele, enquanto os exércitos franceses se movem no acorde mais curto e podem impedir o inimigo. Os comprimentos iguais das linhas operacionais e de retirada dos vários exércitos facilitam muito a retirada concêntrica, tornando possível combinar dois desses exércitos em um determinado ponto para um golpe maciço no inimigo ainda dividido.

A posse da fronteira do Reno tornaria o sistema defensivo da França, no que diz respeito às pré-condições *naturais*, uma daquelas que o general Willisen chama de "ideal", que não deixa nada a desejar. O forte sistema defensivo interno da bacia do Sena, formado pelos rios Yonne, Aube, Marne, Aisne e Oise, que fluem como um leque para o Sena e sobre o qual Napoleão deu aos Aliados lições tão duras sobre estratégia em 1814,⁵ é, portanto, o primeiro, dada a proteção uniforme em todas as direções; o inimigo o alcançará praticamente ao mesmo tempo de qualquer lado e poderá ser mantido nos rios até que os exércitos franceses estejam em posição de atacar cada coluna inimiga isolada com forças unidas; enquanto que sem a linha do Reno, a defesa só pode se posicionar no ponto mais decisivo, em Compiègne e Soissons, a apenas 20 quilômetros de Paris. Não existe outra região na Europa na qual a defesa seja apoiada pelas ferrovias, concentrando rapidamente grandes forças tanto quanto no país entre o Sena e o Reno. As ferrovias irradiam de Paris como centro para Boulogne, Bruges, Gante, Antuérpia, Maastricht, Liège e Colônia, para Mannheim e Mainz via Metz, para Estrasburgo, Basileia, Dijon e Lyons. A qualquer momento o inimigo pode estar presente com maior força, toda a força do exército de reserva pode ser lançada contra ele por

⁵ Nas batalhas de Montmirail, Château-Thierry, Reims e outros, em fevereiro e março de 1814, Napoleão derrotou as forças superiores da sexta coalizão anti-francesa.

ferrovia a partir de Paris. Em particular, a defesa interna da bacia do Sena é reforçada ainda mais pelo fato de que todos os raios ferroviários dentro dela atravessam os vales dos rios (o Oise, o Marne, o Sena, o Aube, em parte o Yonne). Mas isso não é tudo. Três arcos concêntricos de ferrovias correm a distâncias aproximadamente iguais de Paris por um quadrante ou mais de comprimento: o primeiro é o conjunto de linhas na margem esquerda do Reno, que agora correm quase sem interrupção de Neuss e Basileia; o segundo vai de Oostende e Antuérpia, passando por Namur, Arion, Thionville, Metz e Nancy até Epinal, e também é tão bom quanto completo; por fim, o terceiro se estende de Calais, passando por Lille, Douai, St. Quentin, Reims, Châlons-sur-Marne e St. Dizier até Chaumont.

O Reno teria apenas um defeito como rio fronteiriço. Enquanto um banco é todo alemão e o outro todo francês, o rio não é dominado por nenhum dos dois países. Um exército mais forte, de qualquer nação, não podia ser negado em nenhum lugar; já vimos isso cem vezes, e a estratégia explica por que deve ser assim. Em face de uma ofensiva alemã com forças superiores, a defesa francesa só poderia deter uma parada mais atrás: o exército do norte no rio Meuse, entre Venlo e Namur; o exército do Mosela no Mosela, talvez na confluência com o Saar; o exército do Alto Reno, no alto Mosela e no alto Meuse. Para dominar completamente o Reno e poder se opor energicamente a uma travessia inimiga com energia, os franceses teriam, portanto, de ter cabeças de ponte na margem direita. Portanto, era muito lógico da parte de Napoleão que ele incorporasse sumariamente Wesel, Kastel e Kehl ao Império Francês. Da maneira como está hoje, seu sobrinho perguntaria, como complemento às fortalezas finas que os alemães construíram para ele na margem esquerda do Reno, para Ehrenbreitstein, Deutz e, se necessário, também a ponte de Germersheim. Nesse caso, o sistema geográfico militar da França estaria completo para a ofensiva ou para a defensiva, e qualquer nova anexação apenas a danificaria. E quão natural o sistema parece, quão facilmente compreensível, foi surpreendentemente demonstrado pelos Aliados em 1813. A França havia estabelecido o sistema apenas 17 anos antes, e ainda assim era dado como certeza que os altos Aliados, apesar de sua preponderância de força e a falta de defesa da França, estremeceriam ao pensar em tocá-la, como se fosse um sacrilégio; e, se não tivessem sido levados pelos elementos nacionalistas alemães do movimento, o Reno ainda hoje seria um rio francês.

Mas se cedêssemos aos franceses não apenas o Reno, mas também as cabeças de ponte na margem direita, os franceses teriam cumprido com eles o dever que estamos cumprindo com nós mesmos, como Radowitz, Willisen e Hailbronner vêem, segurando o Adige e o Mincio com as cabeças de ponte de Peschicra e Mântua. Mas, com isso, teríamos tornado a Alemanha tão desamparada em *relação à França*, quanto a Itália agora em *relação à Alemanha*. E então, como a Rússia em 1813, ele seria o “libertador” natural da Alemanha (como a França, ou melhor, o governo francês, apresenta-se como o “libertador” da Itália atualmente) e só pediria – em pagamento por seus esforços altruístas – alguns pequenos distritos para completar a Polônia – digamos Galiza e Prússia; porque a Polônia também é “flanqueada” por eles!

O que o Adige e o Mincio são para nós, o Reno é para a França e muito mais vital. Se Venetia, nas mãos da Itália, e possivelmente da França, flanqueia a Baviera e o Alto Reno e descobre o caminho para Viena, a Bélgica e a Alemanha, via Bélgica, flanqueiam todo o leste da França e descobrem o caminho para Paris com muito mais eficiência. De Isonzo a Viena, ainda faltam cem quilômetros, em um terreno onde a defesa ainda pode se sustentar de alguma maneira; do Sambre a Paris são 30 milhas, e são apenas 12 milhas de Paris, em Soissons ou Compiègne, que a defesa possui qualquer tipo de linha de proteção do rio. Se, como diz Radowitz, abandonar o Mincio e o Adige colocaria a Alemanha desde o início em uma posição que alcançaria depois de perder uma campanha inteira, a França – com suas atuais fronteiras – está situada como se tivesse possuído a linha do Reno e perdido duas campanhas, uma nas fortificações do Reno e Meuse e a outra no campo, na planície belga. Até a forte posição das fortalezas do alto da Itália se repete de certa forma no Baixo Reno e no Meuse; não seria possível transformar Maastricht, Colônia, Jillich, Wesel e Venlo, com um pouco de assistência e alguns pontos intermediários, em um sistema igualmente forte, cobrindo completamente a Bélgica e o Brabante do Norte, o que permitiria a um exército francês que não é forte o suficiente para a guerra? Campo aberto para manobra, a fim de manter um exército inimigo muito mais forte nos rios e, finalmente, usar as ferrovias para se retirar para a planície belga ou para Douai sem impedimentos? Um nas fortificações do Reno e Meuse e outro no campo, na planície belga. Até a forte posição das fortalezas do alto da Itália se repete de certa forma no Baixo Reno e no Meuse; não seria possível transformar Maastricht, Colônia, Jillich, Wesel e Venlo, com um pouco de assistência e alguns pontos intermediários, em um sistema igualmente forte, cobrindo completamente a Bélgica e o Brabante do Norte, o que permitiria a um exército francês

que não é forte o suficiente para a guerra? Campo aberto para manobra, a fim de manter um exército inimigo muito mais forte nos rios e, finalmente, usar as ferrovias para se retirar para a planície belga ou para Douai sem impedimentos?

Ao longo deste estudo, assumimos que a Bélgica estava completamente aberta aos alemães atacando a França e era um aliado da Alemanha. Como tivemos que argumentar do ponto de vista francês, tínhamos o mesmo direito a essa suposição de que nossos oponentes no Mincio, quando assumiram que a Itália - mesmo uma Itália livre e unida - sempre seria hostil aos alemães. Em todos esses assuntos, é bastante correto examinar primeiro o pior caso e se preparar para ele como um começo; e é assim que os franceses devem agir ao considerar a defensibilidade e a configuração estratégica de sua fronteira norte hoje. Que a Bélgica é um país neutro de acordo com os tratados europeus, assim como a Suíça é algo que podemos ignorar aqui. Em primeiro lugar, resta provar o curso real da história que, em uma guerra europeia, essa neutralidade equivale a algo além de uma folha de papel e, em segundo lugar, a França não pode, de maneira alguma, contar com tanta firmeza a ponto de, militarmente, tratar toda a região fronteira com a Bélgica como se o país formasse um braço protetor do mar entre a França e a Alemanha. Em última análise, a fraqueza da fronteira permanece a mesma, tanto no caso dela ser, de fato, ativamente defendida, quanto se as tropas fossem apenas despachadas para ocupá-la contra possíveis ataques.

Traçamos o paralelo entre o Pó e o Reno de perto. Além das dimensões maiores no Reno que, no entanto, apenas reforçariam a reivindicação francesa, a analogia é tão completa quanto se poderia desejar. Espera-se que, em caso de guerra, os soldados alemães defendam o Reno no Pó praticamente com maior sucesso do que teoricamente os políticos da grande potência da Europa Central. Eles defendem o Reno no Pó, com certeza, mas - *apenas para os franceses*.

Quanto ao resto, se os alemães, em algum momento, tiverem a infelicidade de perder sua "fronteira natural", o Pó e o Mincio, levaremos a analogia ainda mais longe. Os franceses possuíam sua "fronteira natural" há apenas 17 anos e até agora tiveram que conviver sem ela por quase 45 anos. Durante esse período, seus melhores militares perceberam, teoricamente também, que a inutilidade do anel de fortalezas Vauban contra invasões baseia-se nas leis da guerra moderna e, portanto - que não foi por acaso nem por traição - eles gostam de invocar que permitiu-se que os Aliados em 1814 e 1815 marchassem entre as fortalezas imperturbáveis. A partir de então, ficou ainda mais claro

que algo precisava ser feito para proteger a fronteira norte exposta. Obviamente, porém, não havia perspectiva de obter a fronteira do Reno em um futuro próximo. O que deveria ser feito?

Os franceses conseguiram honrar um grande povo: eles fortificaram Paris; pela primeira vez na história moderna, eles realizaram o experimento de converter seu capital em um acampamento entrincheirado em uma escala colossal. Os especialistas militares da velha escola balançaram a cabeça sobre esse empreendimento imprudente. Dinheiro jogado fora por nada, além de arrogância francesa! Nada por trás, pura farsa; quem já ouviu falar de uma fortaleza a nove milhas de circunferência e com um milhão de habitantes! Como isso deve ser defendido, a menos que metade do exército seja lançada como guarnição? Como todas essas pessoas conseguem suas provisões? Loucura, vaidade francesa, frivolidade sem Deus, uma repetição da Torre de Babel! Foi assim que os pedantes militares julgaram o novo empreendimento, os mesmos pedantes que estudam a guerra de cerco a partir de um hexágono de Vauban e cujo método de defesa passivo não conhece um contra-ataque ofensivo maior do que a que resultou de uma coluna de infantaria, do caminho coberto ao pé da geleira! Mas os franceses continuaram construindo calmamente e tiveram a satisfação de que, embora Paris ainda não tenha sido submetida ao teste de fogo – os militares *unpedantic* de toda a Europa concordam com eles – que Wellington elaborou planos para a fortificação de Londres, que, se não estamos enganados, a construção de fortes destacados em torno de Viena já começou e a fortificação de Berlim está pelo menos em discussão. Eles mesmos devem ter aprendido com o exemplo de Sebastopol o quão tremendamente forte é um campo colossal entrincheirado, se for ocupado por um exército inteiro e a defesa for conduzida ofensivamente em larga escala.

Desde que Paris foi fortificada, a França pode ficar sem a fronteira do Reno. Como a Alemanha na Itália, ele terá que realizar sua defesa na fronteira norte ofensivamente, a princípio. O arranjo da rede ferroviária mostra que isso foi entendido. Se essa ofensiva é repelida, o exército se posiciona, definitivamente, em Oise e Aisne; para um avanço mais vigoroso 1) o inimigo não serviria mais a nenhum propósito, uma vez que o exército de invasões da Bélgica seria muito fraco, por si só, para agir contra Paris. Atrás do Aisne, em sólida comunicação com Paris, na pior das hipóteses, atrás do Marne, com sua ala esquerda apoiada em Paris, em uma posição ofensiva de flanqueamento, o exército do norte francês poderia aguardar a chegada dos outros exércitos. O inimigo não teria alternativa senão seguir em frente em Château-Thierry e operar contra as comunicações

dos exércitos franceses de Mosela e Reno. Mas a ação estaria longe de ter a importância decisiva que teria antes da fortificação de Paris. Na pior das hipóteses, a retirada dos outros exércitos franceses atrás do Loire não pode ser interrompida; concentrados lá, eles ainda serão fortes o suficiente para serem perigosos para um exército de invasões enfraquecido e dividido pelo investimento de Paris, ou para invadir Paris. Em uma palavra: a fortificação de Paris embotou o ponto de um movimento de flanco através da Bélgica; não é mais decisivo; e é fácil calcular as desvantagens que isso implica e os meios a serem empregados contra ela.

Deveríamos fazer bem em seguir o exemplo dos franceses. Em vez de nos deixarmos ensurdecer com os protestos sobre a indispensabilidade de uma posse fora da Alemanha, que se torna cada vez mais insustentável para a Alemanha todos os dias, devemos fazer melhor para nos preparar para o momento inevitável em que desistimos da Itália. Quanto mais cedo montarmos as fortificações que serão necessárias, melhor. Dizer mais sobre onde e como devem ser configuradas do que as ideias sugeridas anteriormente, não é nossa função. Só não vamos colocar pontos fortes ilusórios e, contando com eles, negligenciar as únicas fortificações que podem permitir que um exército em retirada se posicione: campos arraigados e grupos de fortalezas nos rios.

PARTE IV

Até agora, vimos aonde a teoria das fronteiras naturais avançada pelos políticos das grandes potências da Europa Central nos leva. A França tem o mesmo direito ao Reno que a Alemanha tem ao Pó. Se a França não anexar nove milhões de valões – holandeses e alemães para obter uma boa posição militar – também não temos o direito de submeter seis milhões de italianos por uma posição militar. E essa fronteira natural, o Pó, afinal é apenas uma posição militar e essa é a única razão pela qual a Alemanha deve mantê-la.

A teoria das fronteiras naturais põe fim à questão de Schleswig-Holstein com um único slogan: *Danmark til Eideren!* [Dinamarca até o Eider!]⁶ Afinal, o que os

⁶ *Dinamarca até o Eider!* - o slogan dos membros do partido liberal dinamarquês das décadas de 1840 a 1860 (Eider Danes) que apoiavam a união de Schleswig (até o rio Eider), povoada principalmente por alemães com a Dinamarca.

dinamarqueses estão perguntando além de seu *Pó* e seu *Mincio*, cujo nome é Eider, seu Mantua, Friedrichstadt por nome?

Pelo mesmo direito que a Alemanha reivindica o *Pó*, a teoria das fronteiras naturais exige, para a Rússia, a Galiza e a Bukovina e um arredondamento para o Mar Báltico, que inclui pelo menos toda a margem direita prussiana do *Vístula*. Em alguns anos, com igual demanda, o Oder seria a fronteira natural da Polônia russa.

A teoria das fronteiras naturais, aplicada a Portugal, deve estender esse país aos Pirineus e incluir toda a Espanha em Portugal.

Da mesma forma, a fronteira natural de Reuss-Greiz-Schleiz-Lobenstein⁷ deve ser estendida pelo menos até a fronteira da Confederação Alemã e além dela até o *Pó* e talvez até *Vístula*, se as leis da justiça eterna forem cumpridas. Reuss-Greiz-Schleiz-Lobenstein tem tanto direito a seus direitos, quanto a Áustria.

Se a teoria das fronteiras naturais – isto é, fronteiras baseadas exclusivamente em considerações militares, estiver correta – como chamaremos os diplomatas alemães que no Congresso de Viena nos trouxeram à beira de uma guerra de alemães contra alemães, nos perderam o Meuse linha, expôs a fronteira oriental da Alemanha e deixou para estrangeiros estabelecer as fronteiras da Alemanha e dividi-la? Na verdade, nenhum país tem tantos motivos para reclamar do Congresso de Viena quanto a Alemanha; mas se aplicarmos o domínio das fronteiras naturais, como seria a reputação dos estadistas alemães da época? E são precisamente as mesmas pessoas que defendem a teoria das fronteiras naturais no *Pó* que vivem do legado dos diplomatas de 1815 e continuam a tradição do Congresso de Viena.

Deseja uma instância? Quando a Bélgica se separou da Holanda em 1830,⁸ as mesmas pessoas que agora fazem do *Mincio* uma questão de vida e morte levantaram suas vozes. Eles levantaram um tom e choraram pelo desmembramento do forte poder fronteiriço holandês que deveria ter sido um baluarte contra a França e, de fato, que superstição permanece depois de todas as experiências de vinte anos! Cercar o anel de fortalezas de Vauban, que pelo menos é um exemplo imponente de seu tipo. Como se as

⁷ Sob esse nome, Engels ironicamente une aqui dois estados alemães anões, Reuss-Greiz e Reuss-Gera-Schiciz-Lobenstein-Ebersdorf, pertencentes aos ramos mais antigos e mais jovens da dinastia Reuss. [Nota do editor original do livreto]

⁸ Por decisão do Congresso de Viena de 1815, a Bélgica e a Holanda foram incorporadas ao Reino Unido dos Países Baixos, estando a Bélgica sob o controle da Holanda. A Bélgica tornou-se uma monarquia constitucional independente como resultado da revolução de 1830.

grandes potências temam que um belo dia Arras e Lille e Douai e Valenciennes marchem para a Bélgica, com todos os seus bastiões, *demilunes* e lunetas, e se sintam em casa! Naquela época, os porta-vozes da mesma tendência tímida que nos opomos, lamentamos que a Alemanha estivesse em perigo, já que a Bélgica não passava de um apêndice indefeso da França, um inimigo inevitável da Alemanha, e que as valiosas fortalezas construídas com dinheiro alemão (isto é, dinheiro retirado dos franceses) para proteger os franceses, estão agora abertas aos franceses contra nós. A fronteira francesa havia avançado para o Meuse e o Scheldt, e além; quanto tempo levaria até que fosse empurrado para a frente para o Reno? Muitos de nós ainda se lembram muito bem dessas lamentações. E o que aconteceu? Desde 1848, e particularmente desde a restauração bonapartista, a Bélgica se afastou cada vez mais resolutamente da França e para a Alemanha. Até agora, pode até contar como um membro estrangeiro da Confederação Alemã. E o que os belgas fizeram assim que se opuseram à França? Eles arrasaram todas as fortalezas que a sabedoria do Congresso de Viena havia imposto ao país, como sendo como sendo *completamente inútil contra a França* e ergueu em torno de Antuérpia um acampamento entrincheirado, grande o suficiente para acolher todo o exército e permitir que, no caso de uma invasão francesa, esperasse ali por ajuda inglesa ou alemã. E que as fortalezas valiosas construídas com dinheiro alemão (isto é, dinheiro retirado dos franceses) para proteger os franceses estão agora abertas aos franceses contra nós. E eles estavam certos.

A mesma política sábia que em 1830 queria manter a católica, principalmente a Bélgica de língua francesa, acorrentada à força pela Holanda protestante e holandesa, que a mesma política sábia busca desde 1848 manter a Itália à força sob opressão austríaca e nos tornar alemães responsáveis por Ações da Áustria na Itália. E tudo isso apenas pelo medo dos franceses. Todo o patriotismo desses cavalheiros parece consistir em cair em um estado de agitação febril assim que a França é mencionada. Parece que nunca se recuperaram dos golpes que o velho Napoleão lhes deu 50 e 60 anos atrás. Certamente não estamos entre aqueles que subestimam o poder militar da França. Sabemos muito bem, por exemplo, que no que diz respeito à infantaria leve e experiência e habilidade em travar uma pequena guerra, e certos aspectos da artilharia, nenhum exército na Alemanha pode comparar-se com os franceses. Mas quando as pessoas começam a falar frases sobre os 1.200 soldados da Alemanha, como se aqueles soldados estivessem ali parados, preparados como peças de xadrez com as

quais o Dr. Kolb pode jogar uma partida com a França pela Alsácia e Lorena⁹ e – e quando essas mesmas pessoas tremem de botas com tudo o que acontece, como se fosse desnecessário dizer que esses 1.200 homens não podiam deixar de ser cortados em pedaços pela metade do número de franceses, a menos que *os duzentos e duzentos mil* (sic!)¹⁰ se escondessem em posições inexpugnáveis – então é realmente hora de perder a paciência. Já é tempo de lembrar, contra essa política de defesa passiva que, mesmo que a Alemanha dependa de maneira geral de uma defesa com contra-ataques ofensivos, ainda assim nenhuma defesa é mais eficaz do que uma defesa ativa e ofensiva. É hora de lembrar que muitas vezes nos mostramos melhores em ataques do que os franceses e outras nações.

“Além disso, é da natureza inerente de nossos soldados atacar; e isso é certo” disse Frederico, o Grande, de sua infantaria; Rossbach, Zorndorf e Hohenfriedberg podem testemunhar como sua cavalaria poderia atacar.¹¹ O quanto a infantaria alemã de 1813 e 1814 estava acostumada a ser agressiva pode ser mais bem visto nas instruções bem conhecidas de Blücher para o início da campanha de 1815:

"Como a experiência mostrou que o exército francês não pode enfrentar os ataques de baioneta de nossos batalhões de massa, a regra é sempre fazer esses ataques quando o objetivo é invadir o inimigo ou tomar uma posição".

Nossas melhores batalhas foram batalhas ofensivas e, se existe uma qualidade definitiva do soldado francês que falta ao soldado alemão, é comprovadamente a arte de manter-se defensivamente em aldeias e casas; no ataque, o alemão se compara bem ao soldado francês e mostrou isso com bastante frequência.

Quanto à política em si, além dos motivos subjacentes, ela consiste no seguinte: primeiro, sob o pretexto de defender o interesse alemão alegado ou absurdamente exagerado, fazer-nos odiados por todos os países menores em nossas fronteiras e depois sermos indignados que tendem a se apegar mais à França. Foram necessários cinco anos

⁹ O *Augsburg Allgemeine Zeitung*, cujo editor-chefe era o Dr. Gustav Koll), era na época a favor da Alemanha apreender a Alsácia e Lorena.

¹⁰ Escrito dessa forma no original [Nota dos tradutores].

¹¹ Na *batalha de Rossbath*, em 5 de novembro de 1757, durante a Guerra dos Sete Anos (1756-63), o exército do rei prussiano Frederico II derrotou as forças franco-austríacas. Em 25 de agosto de 1758, em *Zorndorf*, Frederico II deu batalha ao exército russo, como resultado dos quais os dois exércitos sofreram sérias perdas sem conseguir nada. Na *batalha de Hohenfriedeberg*, em 4 de junho de 1745, durante a Guerra da Sucessão Austríaca (1740-48), o exército prussiano comandado por Frederico I derrotou as forças austro-saxônicas. A cavalaria prussiana desempenhou um papel importante em todas essas batalhas.

de restauração bonapartista para divorciar a Bélgica da aliança francesa na qual a política de 1815, continuou em 1830, a política da Santa Aliança,¹² tinha forçado; e na Itália, criamos uma posição para os franceses que certamente supera a linha do Mincio. E, no entanto, a política francesa em relação à Itália sempre foi estreita, egoísta, exploradora, de modo que, com qualquer tipo de tratamento honroso de nossa parte, os italianos teriam, sem dúvida, mais do nosso lado do que do francês. É sabido como Napoleão e seus governadores e generais consumiram entre 1796 e 1814 dinheiro, produtos, tesouros de arte e homens. Em 1814, os austríacos vieram como "libertadores" e foram recebidos como libertadores (o modo como eles libertaram a Itália é demonstrado pelo ódio que todo italiano tem pelos *Tedeschi* hoje). Tanto quanto a prática real da política francesa na Itália; quanto à teoria, basta dizer que ela tem um único princípio básico: a *França nunca pode tolerar uma Itália unificada e independente*. Esse princípio é válido para Louis Napoleão e, para garantir que não haja mal-entendidos, La Guéronnière deve proclamá-lo agora mais uma vez como uma verdade eterna. E, diante de uma política filistina de mente estreita por parte da França, uma política que reivindica o direito de intervir a vontade nos assuntos internos da Itália, diante de tal política, os alemães precisam temer que um *A Itália que não está mais sob domínio alemão direto* será sempre um servo obediente da França contra nós? É realmente risível. É a velha tonalidade de 1830 sobre a Bélgica. Por tudo isso, a Bélgica veio até nós, foi solicitada e a Itália teria que vir até nós da mesma maneira.

Também é preciso ter em mente que a questão da posse da Lombardia é uma questão entre a Itália e a Alemanha, mas não entre Luis Napoleão e a Áustria. *Em relação a um terceiro como Luis Napoleão, um terceiro que intervém em seu próprio interesse, que em outros aspectos é anti-alemão, o que se trata é simplesmente manter uma província que só será abandonada por compulsão, um exército, posição que somente será abandonada se não puder mais ser mantida. Nesse caso, a questão política recua imediatamente atrás da questão militar; se somos atacados, nos defendemos.*

Se Luis Napoleão quer aparecer como paladino da independência italiana, ele pode se dar bem sem uma guerra contra a Áustria. *Charité bien ordonnée commence par*

¹² A Santa Aliança, uma associação de monarcas europeus fundada em setembro de 1815 por iniciativa do czar russo Alexandre I e do chanceler austríaco Metternich para suprimir movimentos revolucionários e preservar monarquias feudais nos países europeus.

soi-même.¹³ O "departamento" da Córsega é uma ilha italiana, apesar de ser a pátria do bonapartismo. Se Luis Napoleão foi o primeiro a ceder a Córsega a seu tio Victor Emmanuel, poderíamos estar prontos para conversar. Até que ele tenha feito isso, seria aconselhável manter seu entusiasmo pela Itália para si mesmo.

Não há poder de qualquer importância na Europa que não tenha incorporado partes de outras nações em seu território. A França tem províncias flamengas, alemãs e italianas. A Inglaterra, o único país que realmente tem fronteiras naturais, ultrapassou-os em todas as direções, fez conquistas em todos os países e agora está em conflito com uma de suas dependências, as Ilhas Jônicas, logo após fazer uma colossal rebelião na Índia, com métodos autenticamente austríacos. A Alemanha possui províncias semi-eslavas e anexos eslavos, magiares, valácios e italianos. E sobre quantas línguas o mestre do Czar Branco em Petersburgo!

Ninguém se atreverá a dizer que o mapa da Europa está definitivamente estabelecido. Mas quaisquer mudanças, se quiserem suportar, devem tender cada vez mais a dar às grandes e viáveis nações europeias suas *verdadeiras* fronteiras naturais a serem determinadas pela linguagem e pelos sentimentos dos companheiros, enquanto, ao mesmo tempo, os remanescentes de povos que ainda podem sejam encontrados aqui e ali e que não sejam mais capazes da existência nacional, permaneçam incorporados às nações maiores e se fundam a elas ou sejam conservados como relíquias meramente etnográficas sem significado político.¹⁴ Considerações militares podem ser aplicadas apenas secundariamente.

Mas, se o mapa da Europa for revisado, nós, alemães, temos o direito de exigir que seja feito de maneira completa e imparcial, e que a Alemanha não deva ser solicitada, como de costume, a fazer todos os sacrifícios sozinha, enquanto todas as outras nações se beneficiam sem abrir mão de nada. Podemos sobreviver sem muita coisa que esteja nas nossas fronteiras e nos envolva em questões nas quais devemos fazer melhor para

¹³ Provérbio popular francês que tem o sentido: "Você tem que pensar em si mesmo antes de cuidar dos outros" [Nota dos tradutores]

¹⁴ As observações de Engels sobre o destino histórico de pequenas nações eram imprecisas: ele sustentava que, como regra, pequenas nações não foram capazes de existência nacional independente e foram obrigadas a serem absorvidas, no curso da centralização, por nações maiores e mais viáveis. Observando corretamente a tendência à centralização e a criação de grandes estados, inerente ao capitalismo, Engels não considerou devidamente outra tendência, a saber, a luta das pequenas nações contra a opressão nacional, pela independência e pelo estabelecimento de seus próprios estados. A história mostrou que muitas nações pequenas se mostraram capazes de desenvolvimento nacional independente e desempenharam um papel considerável no progresso da humanidade. [Nota do editor original do livreto]

não nos intrometermos diretamente. Mas o mesmo se aplica aos outros, exatamente igual; deixe-nos mostrar o exemplo de altruísmo, ou fique calado. Mas a soma e a substância de todo esse estudo é que nós, alemães, faríamos um bom negócio se pudéssemos trocar o Pó, o Mincio, o Adige e todo o lixo italiano por unidade, o que nos protegeria de uma repetição de Varsóvia e Bronzell, e que por si só pode nos fortalecer forte interna e externamente. Se tivermos essa unidade, a defensiva pode chegar ao fim. Não precisaremos mais de nenhum Mincio: “Nossa natureza inerente” será mais uma vez “atacar”; e ainda existem alguns pontos doloridos onde isso será necessário o suficiente.

Recebido em 10-11-2020

Aprovado em 07-03-2022